



Formando o Formador:
**Cartas Experienciais em
Educação Profissional**

Denise Maria Martins (Org.)

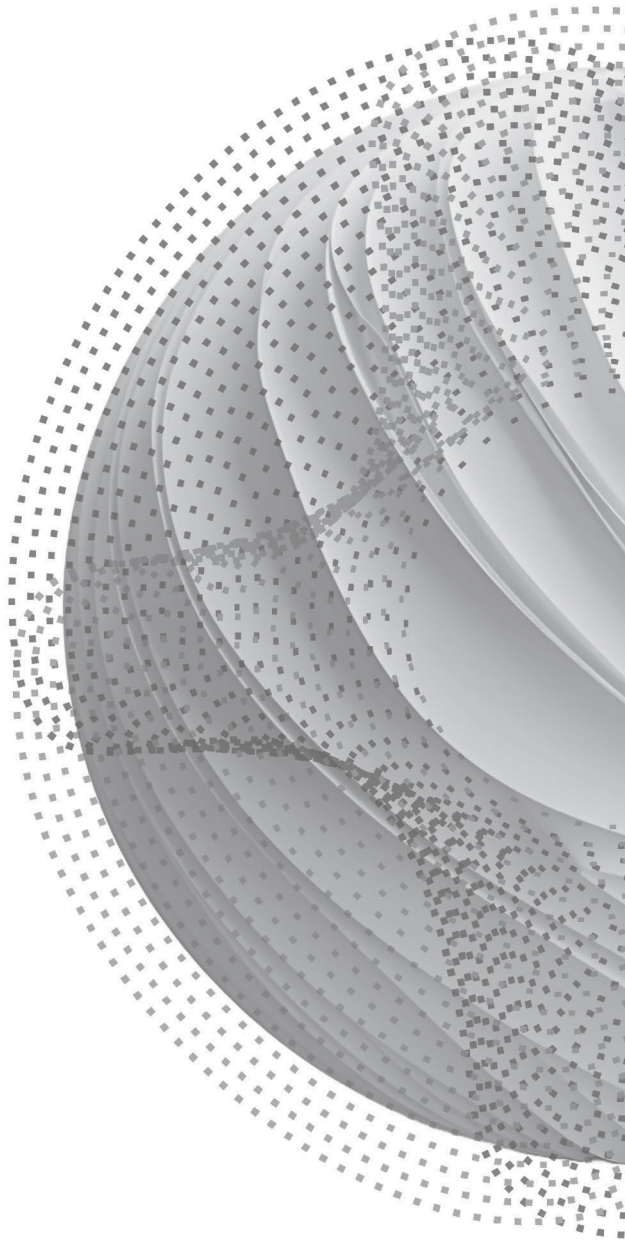
Autores:

Helena Gemignani Peterossi

Rosalia Maria Netto Prados

Rodrigo Avella Ramirez

Denise Maria Martins



Criada no intuito de contribuir com reflexões e experiências que possam subsidiar formuladores e executores de políticas públicas, gestores de projetos organizacionais e professores, a coleção Fundamentos e Práticas em Educação Profissional e Tecnológica propõe-se como um espaço para pesquisadores de todas as instituições interessados em revisitar as práticas institucionais e teorizá-las, assim como em analisar as variadas e às vezes contraditórias discussões acerca da Educação Profissional e Tecnológica, seja da perspectiva das políticas públicas, seja da perspectiva de seus principais atores: alunos, gestores, formadores e mundo do trabalho. Visa, assim, colaborar para que se esboce uma concepção de Educação Profissional e Tecnológica que não seja apenas uma combinação da lógica do setor produtivo com as práticas educativas, mas, sim, uma redefinição do seu propósito a partir da concepção de ser humano no contexto dos desafios da época atual.



Formando o Formador:
Cartas Experienciais em
Educação Profissional

Denise Maria Martins (Org.)

Autores:

Helena Gemignani Peterossi

Rosalia Maria Netto Prados

Rodrigo Avella Ramirez

Denise Maria Martins

São Paulo
Centro Paula Souza
2023

Copyright © 2023

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da organizadora.

Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa - UPEP
Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional
Programa de Mestrado em Gestão e Tecnologia em Sistemas Produtivos

Coordenadora

Prof.ª. Dr.ª. Helena Gemignani Peterossi

Coordenadores Adjuntos

Prof.ª. Dr.ª. Marília Macorin de Azevedo

Prof. Dr. Napoleão Verardi Galegale

Edição

Even 3 – Publicações

Diagramação

Assessoria de Comunicação – AssCom : Fernando França

Capa

Montagem vetorial sobre imagem de tohamina - freepik

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8/7262

Formando o formador: Cartas Experienciais em Educação Profissional/ Organizadora: Denise Maria Martins; Coordenadora: Helena Gemignani Peterossi; PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web -- São Paulo: Centro Paula Souza, 2023.

160p. – (Coleção Fundamentos e Práticas em Educação Profissional e Tecnológica; v. 11)

Inclui bibliografia no final de cada capítulo.

ISBN 978-65-87877-54-9(ebook)

DOI: <https://doi.org/10.29327/5337365> (e-book)

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Formação do Formador. 3. Cartas Experienciais. 4. CEETEPS I. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. II. Organizadora: Denise Maria Martins. III. Coordenadora: Helena Gemignani Peterossi. IV. Autores: Helena Gemignani Peterossi, Rosália Maria Nettetto Prados, Rodrigo Avella Ramirez, Denise Maria Martins. V. Título.

CDD 370.113

Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa do
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Rua dos Bandeirantes, 169, Bom Retiro São Paulo (SP), 01124-010
Tel.: (11) 3327-3104

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos futuros pesquisadores pela cessão das cartas elaboradas sobre suas experiências docentes, ao longo do processo de formação no programa de mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional:

Bruno dos Santos Monteiro
Caio Feijó Gonçalves
Carina Monteiro dos Santos
Daniel Ferreira de Carvalho
Helen Regiane Martinez
Kurt Davi Goulart Brum
Luis Fernando Muller da Silva
Mohamed Kassem Saleh
Raphael Antonio de Souza
Thiago da Silva Vieira
Wagner Antonio Rodrigues Vieira

SUMÁRIO

Apresentação..... 8

Capítulo 1: Contexto e Desafios da Educação Profissional 19

Educação profissional técnica e tecnológica no contexto brasileiro20

Desafios e mudanças no processo educacional contemporâneo27

O papel da educação profissional diante das transformações do mundo globalizado29

Referências35

Capítulo 2: Discursos sobre Formação docente em Educação

Profissional 39

A formação do formador.....40

Cartas a um jovem professor.....42

Discurso e Linguística Sistêmico-Funcional.....43

Análise e discussão dos dados52

Referências70

Capítulo 3 – Práticas na Educação Profissional 73

Perspectivas teóricas73

Saberes Docentes e suas práticas.....78

Tecnologias digitais e componentes educacionais82

Referências86

Capítulo 4 – Ensaios Experienciais: um estudo discursivo

das “Cartas a um aspirante à docência” 91

Os Ensaios Experienciais94

Análise da estrutura narrativa: a ação discursiva nas cartas145

Descrição das narrativas mínimas148

Referências155

Mini Currículo dos Autores..... 157

Formar professores é o fiel da balança para garantir a qualidade das políticas públicas de educação, normalmente, esquecido, improvisado e mesmo negligenciado. Em especial, a educação profissional, embora presente em momentos de significativas reformas educacionais, não contou com medidas que garantissem a sistematização da formação de professores. Assim foi, quando da promulgação da Lei 5692/71 que tornou compulsório o ensino técnico de nível médio, mas manteve a complementação pedagógica como requisito não obrigatório para o exercício do magistério. Da mesma forma, a Reforma do Ensino Médio de 2017 criou o itinerário formativo de formação técnica, sem a contrapartida de um sistema de formação dos professores. O fato é que a formação de professores para o ensino técnico carece de regularidade em termos de oferta, instituições e cursos regulares voltados para essa formação e, principalmente, um corpo próprio de pesquisas, concepções e práticas.

Nesse contexto, o Centro Estadual de Educação Tecnológica – CEETEPS apresenta algumas particularidades. Formar professores para o ensino técnico foi um dos objetivos da sua criação em 1969. No contexto educacional da época tal fato representou um diferencial ao que até então era a formação desses professores, ou seja, cursos de natureza pedagógica vinculados aos departamentos e coordenadorias de ensino da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Com a criação do CEETEPS a formação passa a ocorrer numa instituição de ensino superior com cursos inovadores – os cursos superiores de tecnologia - para a graduação de

profissionais para o setor produtivo. Para seus idealizadores, os cursos superiores de tecnologia poderiam ser a base para a docência, se complementados com mais um ano de estudos, para os alunos, futuros tecnólogos, interessados em atuar também como professores.

Em 1977, o CEETEPS inicia a oferta dos Cursos de Formação de Professores, nos moldes do Portaria Ministerial 432 de 19/07/1971, mais conhecidos como Esquema I e Esquema II. Ministrados durante 20 anos de forma regular, com processos seletivos semestrais, esses cursos formaram algumas gerações de professores e gestores do ensino técnico em São Paulo. Em 1997, foram extintos pelo CNE, por meio da Resolução 2/97, que os substituiu pelos Programas de Formação Especial, com carga horária reduzida e com oferta condicionada a demandas pontuais de caráter emergencial. De forma emergencial, e sob demanda, são oferecidos Programas Especiais de Formação para professores já em exercício. A Resolução CNE 2, de 2015, ao estabelecer novas diretrizes para a formação de professores para a educação básica consagra a licenciatura como condição para o exercício do magistério, incluindo os cursos técnicos, e o CEETEPS deixa de oferecer os Programas de Formação Especial.

A formação de professores passa então a ocorrer em nível de pós-graduação, voltada ao ensino superior, com a recomendação pela CAPES, em 2015, de um Programa de Mestrado em Educação Profissional, destinado à formação de pesquisadores e gestores da educação profissional e tecnológica.

Esse Programa apresenta um itinerário formativo que integra os conteúdos de formação de professores àqueles voltados à gestão de organizações e instituições, bem como ao planejamento e desenvolvimento de políticas e programas de educação profissional. Apresenta duas grandes Linhas de Pesquisa: “Formação do Formador” e “Políticas, Gestão e Avaliação”.

A Linha de Pesquisa Formação do Formador, centrada na investigação da formação e do papel do ator responsável pelo processo de ensino, oferece como suporte conceitual para as discussões as disciplinas: 1- Formação do Formador, cujo principal objetivo é contribuir para a construção da identidade e do trabalho desse profissional numa sociedade em mudança e nas demandas que traz para o ato de ensinar e aprender na educação profissional; 2- Psicologia da Aprendizagem do Adulto, que procura subsidiar o formador quanto às características dos alunos de educação profissional, normalmente um adulto jovem, com suas peculiaridades de aprendizagem; 3- Aprendizagem Organizacional e Educação Corporativa insere o formador na cultura das organizações e na especificidade da aprendizagem organizacional; 4- Correntes Pedagógicas da Educação Profissional revisita as abordagens teóricas pedagógicas tradicionais e suas contribuições para o planejamento, organização e avaliação do processo de ensino aprendizagem no contexto da educação profissional; 5- Linguagem e Práticas em Educação Profissional discute a questão da comunicação docente nos processos educativos segundo a perspectiva do discurso e dos vínculos com a

cultura, a sociedade e as exigências do mundo do trabalho; 6- Tecnologias Aplicadas à Educação Profissional analisa os resultados pedagógicos, sociais e econômicos que as tecnologias trazem para o contexto educacional e empresarial.

A Linha de Pesquisa Políticas, Gestão e Avaliação, centrada na investigação do papel e da formação dos atores responsáveis pela formulação, implementação e gestão de projetos, programas e processos de educação profissional, tanto em nível macro de sistemas quanto de instituições, oferece como suporte conceitual para as discussões as disciplinas: 1- Políticas e Organização da Educação Profissional, que coloca a questão das políticas sociais como instrumentos de ação do Estado, em particular a política da educação profissional; 2- Fundamentos da Educação Profissional aborda a educação – seu contexto histórico e cultural, os paradigmas, tendências e debates atuais sobre a Educação Profissional bem como a formação ao longo da vida como meio de inserção social e profissional; 3- Planejamento e Desenvolvimento de Projetos de Educação Profissional investiga como as organizações se vinculam às políticas governamentais que têm a educação profissional como fator impulsionador do desenvolvimento e como definem e elaboram seus portfólios de projetos de formação; 4- Gestão de Sistemas Educacionais subsidia a contextualização e a fundamentação do gerenciamento da educação profissional em organizações e instituições de ensino; 5- Avaliação e Qualidade dos Sistemas de Educação Profissional discute a necessidade crescente de manter as organi-

zações dentro de patamares de qualidade considerados adequados pelas políticas públicas; 6- Currículos e Programas de Educação Profissional investiga a associação entre currículo e princípios de globalidade social, de sequência de experiências e estabelecimento de trajetórias de aprendizagem. As duas linhas oferecem duas disciplinas obrigatórias e comuns: Metodologia da Pesquisa, e Sociedade, Trabalho e Educação que procuram contextualizar para o aluno, respectivamente, a pesquisa na área educacional e o papel da educação profissional frente a demandas sociais e econômicas.

Este livro 'Formando o formador: Cartas formativas na Educação Profissional' foi originado das atividades, discussões e leituras realizadas no segundo semestre de 2022, na disciplina Formação do Formador. A disciplina utiliza como metodologia básica a sala de aula invertida, dessa forma as aulas são destinadas a discussões e atividades em torno dos temas programados e autores sugeridos. Nesse semestre específico, os temas e respectivos autores sugeridos foram: a) Contexto Socioeconômico da Educação: Mialaret (2013), Alheit et Dausien (2006), Peterossi (2022), Sacristan (2011); b) Construção e saberes da prática docente: Tardif (2014), Peterossi e Menino (2017); c) Práticas Educativas: Zabala (1998).

As atividades da disciplina Formação do Formador tiveram início com a apresentação do filme "O preço do desafio" (Warner Bros., 2004), baseado em história real sobre o desafio vivenciado por um professor para levar seus alunos à supe-

ração de suas dificuldades de aprendizagem e aprovação em exame nacional. Por retratar o dia a dia de uma comunidade escolar, o filme serviu de cenário para muitas das discussões na disciplina.

A constante em todos esses temas foi a preocupação com a inserção do aluno/professor no contexto social da educação por meio do conhecimento aplicado derivado das ciências da educação. Ver-se nesse contexto, entender a sua natureza, complexidade, desafios e se identificar como professor. Esse identificar-se como professor é um processo de construção, que se faz com a aquisição de conhecimentos, reflexões, análises, discussões, revisitando a própria prática e vivências, e não simplesmente com o usual treino em técnicas e/ou utilização de tecnologias e métodos que por mais que tenham se mostrado eficazes numa situação, podem não ter o mesmo resultado em situação com outras variáveis.

As aulas procuraram desafiar, e ao mesmo tempo municiar, o aluno/professor para responder a três perguntas no dia a dia da prática docente: para que, o que, como. Para que, ou seja, para qual fim está sendo direcionado o processo de ensino e aprendizagem: preparar para o vestibular, habilitar para o trabalho, cumprir o programa estabelecido pela escola, desenvolver competências, socializar?... O que é preciso ensinar para o aluno atingir a essa(s) finalidade(s): conhecimentos, informações, habilidades, valores?... Uma observação aparentemente óbvia, mas que não é: ninguém ensina o que não sabe e o que não acredita. Técnicas e tecnologias de ensino

não substituem os valores e os conteúdos de ensino. Já a terceira pergunta, o como ensinar? pressupõe a intencionalidade de querer responder a todas essas indagações para melhor selecionar as práticas e os recursos que se fizerem necessários.

São três perguntas aparentemente simples, mas que se tornam altamente complexas quando lembramos que a educação é uma prática social historicamente situada, ou seja, admite vários entendimentos e abordagens que podem priorizar questões sociais, aspectos econômicos, visão de mundo, modismos pedagógicos, interesses corporativos, ou interesses políticos. Assim para superar esse impasse, a formação do docente deve prepará-lo para que seja sempre capaz de ser um profissional em busca de respostas às situações vivenciadas no dia a dia. Respostas que nunca conseguirão ser uma única possível, um padrão ou rotina a seguir, mas que, fundamentada em conhecimentos disciplinares, e valores sociais e éticos, sejam as mais adequadas.

Se a prática docente precisa ser contextualizada, na formação do formador, a situação pedagógica precisa ser apresentada a partir da vivência dos formandos. Sendo assim, além das discussões sobre os temas e autores selecionados, a disciplina propôs aos alunos uma pesquisa sobre metodologias ativas de aprendizagem. Desenvolvida em grupo, foi apresentada aos colegas aplicando o modelo pesquisado, com seus fundamentos e procedimentos. Os resultados foram discutidos e analisados em sala de aula. O objetivo dessa atividade foi proporcionar aos alunos a oportunidade para que teorizassem

sem sobre o que alguns já afirmavam utilizar em suas unidades de ensino e/ou vivenciassem essas metodologias em seu próprio processo de aprendizagem.

Como trabalho individual, a ser apresentado e discutido em sala de aula, foi solicitado aos alunos que, a exemplo do livro *Cartas a um Jovem Professor* (Meirieu, 2006), se colocassem na posição de coordenador, ou colega de um professor recém-chegado à escola, e escrevessem uma carta dialogando sobre ser professor. As cartas produzidas superaram o aspecto de atividade/conteúdo disciplinar e tiveram como principal característica a expressão da vivência que tinham/tiveram como docentes e/ou alunos. De certa forma, evidenciaram como o ser professor é fruto de uma construção pessoal, na qual várias experiências, conhecimentos e habilidades adquiridos ao longo dos anos se incorporam como identidade do professor. Nas cartas pode-se observar como os conhecimentos disciplinares se amalgamaram às experiências e trajetórias individuais dos alunos possibilitando visões educacionais ao mesmo tempo singulares fruto de uma construção individual, e coletivas, ao expressarem o contexto e o momento social em que a prática educacional ocorre.

As cartas permitem inferir como os autores referenciados na disciplina são compreendidos pelos alunos e se tornam parte de seus saberes educacionais e quiçá de suas práticas. Uma vez que a redação não foi precedida de nenhuma orientação prévia, mas simplesmente foi pedido que lessem o livro e es-

crevessem também uma carta, os resultados foram singulares.

Sua leitura pode propiciar mais do que o *feedback* de avaliação de uma disciplina, uma vez que expressa o entendimento de um grupo de professores, alguns iniciantes, outros com mais tempo de sala de aula sobre o que é ser professor. Todos, no entanto, têm em comum o fato de serem graduados, sem formação inicial de magistério e atuando no ensino técnico que, geralmente, não tem como requisito a formação pedagógica. Dessa forma, as cartas podem ser subsídio para discussões sobre a formação de professores para o ensino técnico, ao revisitar os aspectos que, na ótica desse perfil de professor, são relevantes.

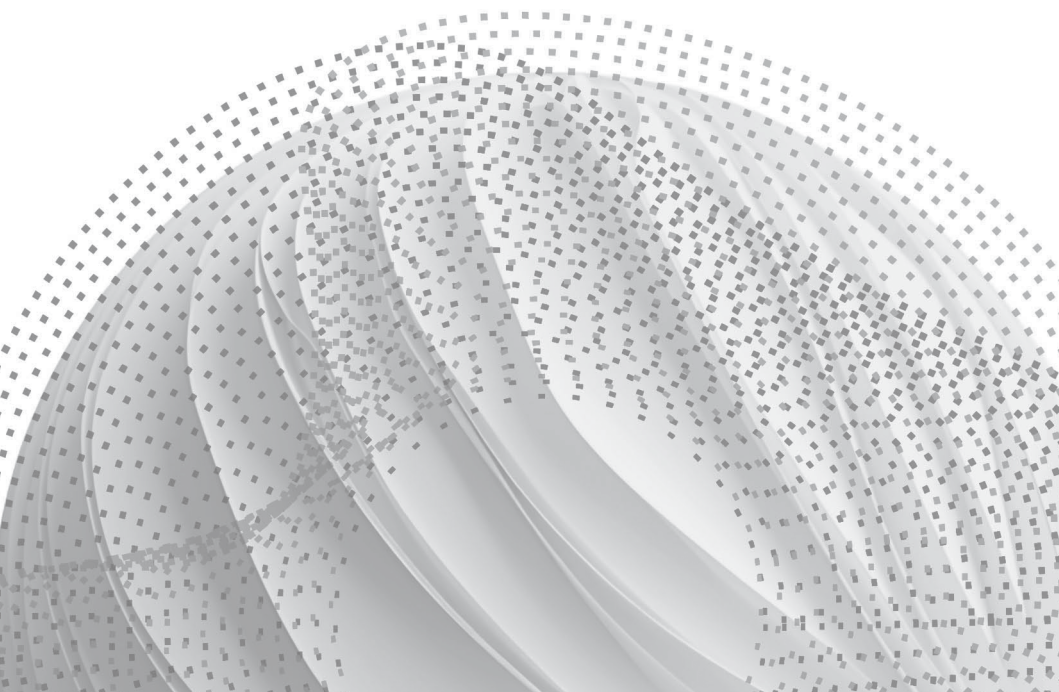
Com a autorização dos alunos, a quem agradecemos, para a sua transcrição, foi organizado o presente *e-book* que pode ser considerado uma primeira abordagem desse material. Foram organizadas discussões teóricas, em quatro textos, para melhor contextualizar esta produção. O primeiro, recupera as principais questões que envolvem a educação profissional, enquanto *locus* de atividade profissional docente. O segundo, revisita os principais autores que tratam da aprendizagem dos saberes docentes. Uma vez contextualizada, é apresentada uma análise do discurso presente nas cartas. O terceiro, trata do trabalho docente fundamentado em discussões sobre a prática em educação profissional. E o quarto, apresenta os ensaios experienciais manifestados nas cartas e uma discussão teórica sobre a narrativa.

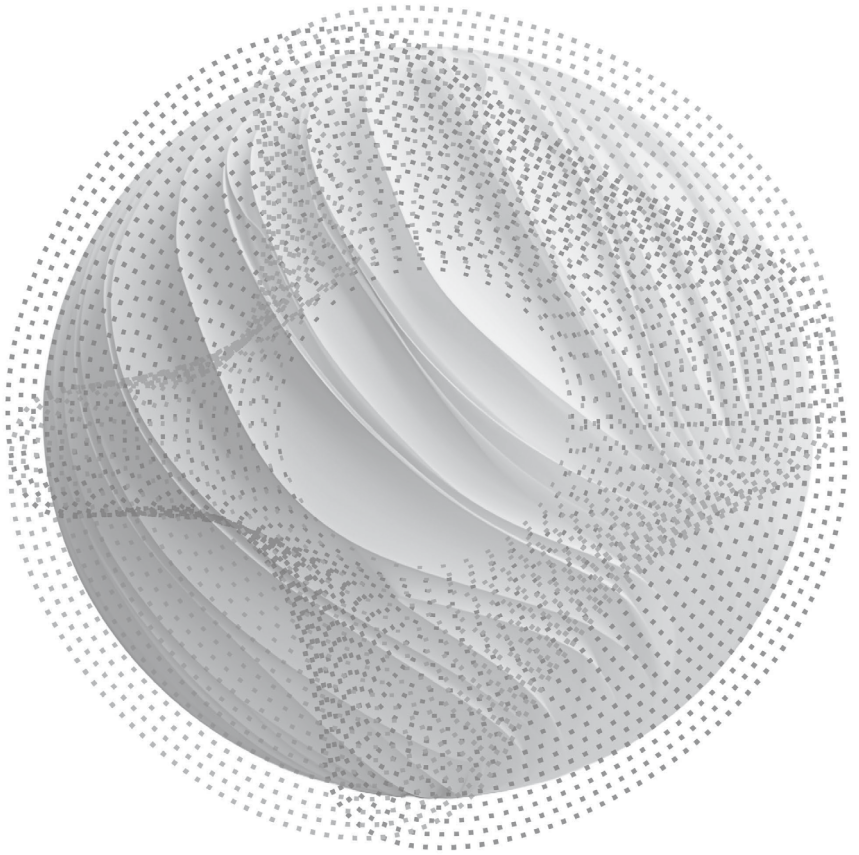
O *e-book*, propositalmente, termina sem o tradicional - “considerações finais” - uma vez que será para o leitor um

convite para fazer as suas considerações a partir da sua trajetória pessoal em termos de vivência ou conhecimentos sobre a formação de professores.

Esperamos assim poder contribuir para que o compartilhamento de experiências de formação institucional e regular de professores para o ensino técnico proporcione novos estudos e novas práticas de ensino e aprendizagem, tanto de alunos-professores, quanto de professores.

Helena Gemignani Peterossi
2023





Capítulo 1: Contexto e Desafios da Educação Profissional

Rosália Maria Netto Prados

Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de um mais ou menos fala pressuposto: ninguém se acha na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito. Sou claro? O que se busca, então, é verificar, acertar, trabalhar um modelo subjetivo, preexistente; enfim, ampliar o ilusório, mediante sucessivas novas capas de ilusão.

(Guimarães Rosa)

Nesta discussão sobre o contexto e desafios em educação profissional é imprescindível considerar os avanços tecnológicos e todo o poder multiplicador das tecnologias, cada vez mais novas, que se estenderam a quase todas as tarefas humanas. O mundo contemporâneo caracteriza-se por diferentes desafios e contradições. E, no âmbito da educação profissional, é necessário considerar, além disso, a imposição de novas regras econômicas, mudanças sociais e políticas e suas decorrentes exigências, como novos perfis no mundo do trabalho e multifuncionalidades.

Neste capítulo, primeiramente, em *Educação profissional técnica e tecnológica no contexto brasileiro*, apresentam-se algumas especificidades dessa modalidade de educação no contexto cultural e socioeconômico brasileiro e os principais marcos legais em seu percurso histórico. Segue-se, então, a seção, *Desafios e mudanças no processo educacional contemporâneo*, em que se apresentam desafios no trabalho docente frente às exigências do mercado de trabalho e de novas tecnologias de informação e comunicação. E, finalmente, em *O papel da educação profissional diante das transformações do mundo globalizado*, em que se trata de princípios educacionais no mundo do trabalho.

Educação profissional técnica e tecnológica no contexto brasileiro

É necessária uma compreensão mais profunda sobre o processo de formação a ser desenvolvido em educação profissional que, por sua vez, não se limita apenas à formação para o simples exercício de uma profissão, no sentido operacional, mas constitui uma formação integral que pode possibilitar a autonomia do indivíduo na busca, produção e aplicação do conhecimento para a constante solução de problemas, uma vez que deve atender às exigências do mercado de trabalho.

Todos devem repensar o lugar ocupado pela educação e pelo trabalho e seus diferentes estatutos, na sociedade. Segundo Delors (2016), com o progresso e previsíveis mudan-

ças das ciências e técnicas, bem como o destaque do cognitivo e do imaterial na produção de bens e serviços, a imaginação humana deve se adiantar aos avanços tecnológicos para se poder criar uma nova realidade, a partir da educação, caso se queira evitar o aumento do desemprego, da exclusão social ou das desigualdades no desenvolvimento humano.

A educação profissional, também, deve se colocar em constante atualização, dadas suas especificidades, desde o mercado de trabalho, sistema administrativo e até mesmo o sistema político. Além disso, essa modalidade educacional está sujeita a processos intensos de transformações para atender às diferentes demandas profissionais, frente à organização do trabalho no mundo contemporâneo, dado todo o desenvolvimento de novas tecnologias.

A educação técnica e a tecnológica não só atendem a políticas-educacionais, que existem para responder a diferentes demandas, mas também para se criar um perfil de especificidades do ensino profissional contemporâneo brasileiro, como o da aplicação, desenvolvimento e produção de conhecimentos científicos inovadores e de sua relevância no contexto produtivo nacional.

Assim, é pertinente considerar Mialaret (2013), que apresenta a ideia de que todos os fatos de educação se inserem num contexto histórico-social, ao qual chama de situação de educação, que pode ser considerada como um suporte dos fatos educativos. Um fato da educação, portanto, não pode ser analisado ou explicado isoladamente, a não ser em relação a um contexto ou situação.

As ciências da educação, de acordo com Mialaret (2013), são constituídas por um conjunto de disciplinas que estudam as condições de existência, funcionamento e desenvolvimento das situações e fatos da educação, em diferentes perspectivas que se complementam e se coordenam. Explica-se, desse modo, como vários serviços cooperam-se entre si nas situações de educação, saúde escolar, orientação pedagógica, orientação profissional, serviços psicológicos, entre outros.

As redes de formação profissional e tecnológica têm se expandido nos últimos anos, de maneira mais intensa na modalidade de ensino profissional e tecnológico, já que se busca suprir a falta de alguns profissionais capacitados, a fim de se atender a alguns eixos produtivos da economia. Com a expansão de instituições de ensino técnico e tecnológico, além de postos de ensino e educação corporativa, amplia-se o número de profissionais que exercem a docência em educação profissional. Assim, a formação de professores para o ensino profissional tem sido assunto de desafio às autoridades e aos gestores que cuidam dos currículos educacionais (Peterossi; Menino, 2017).

No contexto educacional brasileiro contemporâneo com os decorrentes desafios ao trabalho docente em educação profissional, é pertinente considerar as bases legais do sistema nacional da educação no Brasil. É essencial o estudo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996), que foi um importante marco no cenário educacional brasileiro e que estabele-

ce princípios e modos de organização do ensino que pautam desde as políticas públicas até a atuação dos profissionais da educação. É importante considerar, também, o percurso histórico da LDB.

Segundo Neubauer (2017), desde o Manifesto da Educação Nova, publicado em 1932, já se conjecturava a obrigação da União propor as Diretrizes de uma Educação Nacional para se garantir a organicidade ao sistema educacional do país, além de legislações isoladas que existiam até então. Neubauer (2017) apresenta o contexto constitucional de 1934, com as ideias descentralizadoras para a educação nacional que atendiam a proposições de educadores liberais da época; da Constituição de 1937 (Estado Novo) que rejeitou o plano nacional de educação e iria garantir ao poder central as bases da educação nacional e, somente, com a redemocratização na Constituição de 1946, é que são retomadas as proposições básicas sobre a educação e cultura definidas em 1934.

Ainda, de acordo com Neubauer (2017), após 1946, caracterizam-se dois grupos com concepções que configurariam a LDB, um cuja concepção era a de que só o Estado deve educar e a educação privada dependeria do poder público, e o outro, cuja concepção era a de que cabia ao Estado definir as diretrizes gerais do sistema educacional, acatar as decisões das famílias e ofertar bolsas de estudos aos alunos mais pobres. Essas proposições estão presentes nas legislações posteriores, na LDB nº 5692/71 e na LDB nº 9394/96. Segundo Neubauer (2017), a primeira LDB nº 4024, de 1961, foi um

produto de acirradas discussões e reforçou a responsabilidade da família no tipo de educação a ser dada aos filhos e, também, possibilitou maior uso de recursos públicos para a oferta da educação em qualquer nível de ensino.

A partir dessa contextualização, quanto às concepções das LDBs, apresentam-se as mudanças e alterações na LDB nº 9394/96. Segundo Cury (2017), foram mais de 40 alterações sob a forma de leis no corpo legal da LDB e dentro dessas 40 leis aparecem 178 mudanças, inclusive com alterações das alterações. São acréscimos de componentes curriculares; ampliação da obrigatoriedade; introdução de dias comemorativos; redefinição da educação profissional; conceituação de profissionais da educação, entre outras.

De acordo com Cordão (2017), especificamente, quanto à educação profissional aconteceu algo inusitado, em termos de legislação e normas, o Decreto nº 2.208, de 1997, foi revogado e substituído pelo Decreto nº 5.154, de 2004, e que posteriormente, serviu de base para promover a reformulação da LDB nº 9394/96, por força da Lei nº 11.741, de 2008. Na atual LDB, há um Título, “Dos Profissionais da educação”, do Art. 61 até o Art. 67, com destaque para os professores. Atualmente existe um empenho para desenvolver bons programas de Educação Continuada para professores de Educação Básica e, também da Educação Profissional.

A nova redação dada pela Lei nº 11.741/2008, nos artigos 39 e 42, definiu que a educação profissional e tecnológica “integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às

dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia” (BRASIL, 2008). A expansão das redes de Educação Profissional, especialmente do ensino técnico, deve-se à preocupação estatal em suprir uma qualificação de mão de obra, claramente em descompasso com as demandas do desenvolvimento do país, (Peterossi; Menino, 2017).

A terminologia “Educação Profissional e Tecnológica” (EPT) está prevista no artigo 39, da LDB nº. 9394/1996 (BRASIL, 1996), e foi adotada desde 2008. Foi considerada uma modalidade integrada “aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia”, no cumprimento dos objetivos da educação nacional. Na Lei nº 11.741/08, no parágrafo segundo, foi estabelecida sua divisão em diferentes cursos, a saber: I - formação inicial e continuada ou qualificação profissional; II - educação profissional técnica de nível médio; III - educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação (Brasil, 2008).

No âmbito do Estado de São Paulo, o Conselho Estadual de Educação (CEE), é responsável por fixar as diretrizes da educação estadual, inclusive, da EPT. No Estado de São Paulo, ainda estão previstas as Diretrizes para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Sistema de Ensino do Estado de São Paulo, na Deliberação CEE nº 162/2018 (São Paulo, 2018).

A Resolução CNE/CP n. 1, de 5 de janeiro de 2021, foi de grande importância para a educação profissional, pois nesta

foram atualizadas e definidas as Diretrizes Curriculares Nacionais gerais para a Educação Profissional e Tecnológica, no âmbito do ensino médio, graduação tecnológica e pós-graduação (Brasil, 2021).

A estrutura da educação profissional está articulada tanto, ao ensino médio, quanto ao ensino superior e à pós-graduação, e pode ainda ser usufruída por trabalhadores em geral, independentemente da escolarização, por meio da qualificação profissional.

No atual contexto da educação brasileira, recorrentes debates sobre a qualidade de ensino, o descompasso entre escola e exigências da sociedade, ou até mesmo sobre a classificação brasileira em avaliações internacionais, além de comparações com outros países instigam reflexões sobre a função da escola e da sociedade. No que se refere à educação profissional, valores dos novos conhecimentos e dos conhecimentos tradicionais impõem desafios constantes à formação docente.

É importante considerar que, em educação profissional, as noções de trabalho, segundo Manfredi (2002), foram construídas e reconstruídas, ao longo da história das sociedades humanas, de acordo com os variados modos de organização da população e de distribuição de riqueza. As mudanças tecnológicas e organizacionais do trabalho em países capitalistas, a partir da década de 1980, de acordo com Ramos (2002), caracterizaram o setor produtivo, com a flexibilização da produção e reestruturação de ocupações; multifuncionalidade e polivalência dos trabalhadores; integração de

setores da produção; valorização de saberes dos trabalhadores não ligados diretamente ao trabalho, ou ao conhecimento formalizado e, nesse contexto, recupera-se um debate sobre a qualificação, segundo estudos sociológicos e pedagógicos.

Desafios e mudanças no processo educacional contemporâneo

O contexto contemporâneo e as aceleradas mudanças, quanto à expansão das tecnologias de informação e comunicação, impõem diferentes desafios à educação, quanto ao sistema de ensino, estrutura curricular e, mais intensamente, quanto ao trabalho docente. São atuais e pertinentes as ideias de Tedesco (1995), segundo o qual, os modos de produção, tecnologia e competência para conquistar mercados modificam padrões de produção e de organização do trabalho, com fábricas flexíveis e adaptadas a mercados flutuantes, em constante mudança. As exigências atuais, portanto, necessitam da introdução da inteligência nas diversas fases do processo produtivo. Assim, a inovação e a melhoria são necessidades básicas das empresas contemporâneas e transformações do mercado de trabalho que requerem constante atualização da educação profissional.

Na década de 1990, de acordo com Tedesco (2005), com as reformas e com o desenvolvimento acelerado no processo de desenvolvimento das novas tecnologias de informação e

comunicação, surgiram visões desestabilizadoras, em relação ao papel do professor e da própria escola que estariam ameaçados em seu trabalho educacional tradicional. Para esse autor, caracteriza-se a ausência de uma visão hegemônica sobre o papel da escola e dos professores, que deixaram de ser considerados construtores da identidade de uma nação, com a expansão de poderosos agentes socializadores como os meios de comunicação de massa.

Ainda, de acordo com Tedesco (2005), com o rápido processo de produção e renovação de conhecimentos e de informações, além das mudanças culturais, o professor e a escola deixaram de ser o pilar privilegiado de transmissão do saber. Além desse novo contexto na educação, segundo esse autor, vive-se um momento de luta, com projetos sociais diferentes e a proposta de uma educação de boa qualidade para se ter uma sociedade inclusiva com altos índices de justiça social e política democrática.

Nesse contexto, considera-se, na educação profissional, que as novas tecnologias influenciam os saberes e as práticas educacionais. E educar “para e com” as novas tecnologias de informação e comunicação significa capacitar pessoas com competências, cada vez mais sofisticadas, para bem avaliar e compreender todos os aspectos da vida profissional que afetam as pessoas (Peterossi; Itocazu, 2005).

Segundo Peterossi e Menino (2017), entende-se que a educação profissional seja uma formação para as exigências do trabalho em uma sociedade do conhecimento. Mas a edu-

cação profissional vai além da simples aprendizagem de uma profissão. Acredita-se que essa modalidade de educação, não só prepara o indivíduo, quanto à apreensão de competências e habilidades no exercício de uma profissão, mas também para o exercício pleno da cidadania no enfrentamento de situações que o mundo globalizado lhe impõe. Trabalho, mercado de trabalho, inovação, produtividade são dimensões presentes no âmbito da educação profissional. A especificidade das práticas da formação profissional é construída, também, em outros ambientes para além do ambiente formal como sindicatos e empresas.

O papel da educação profissional diante das transformações do mundo globalizado

A educação profissional tem o papel de atender ao setor produtivo, com as constantes mudanças num contexto de multifuncionalidades e polivalência dos trabalhadores, além das exigências socioculturais e de valorização do conhecimento no mundo contemporâneo.

Segundo Delors (2016), é necessário repensar a educação, como conduzi-la, a fim de proporcionar um desenvolvimento humano mais harmonioso para se aumentar as chances da inclusão e diminuir a pobreza, a segregação, mas que,

ao mesmo tempo, possam se formar sujeitos desafiados pelas políticas econômicas, redes científicas, novas tecnologias e comunicação universal. E a educação profissional deve assumir esse mesmo compromisso diante das transformações do mundo globalizado.

Em educação profissional, é importante se definir um perfil profissional em um projeto pedagógico de um curso de Tecnologia, pois é indispensável para se caracterizar o itinerário da profissionalização, qualificações iniciais ou intermediárias do currículo, bem como a duração da carga horária necessária para sua formação. Assim, há a exigência de constante atualização de perfis profissionais e de currículos, de acordo com o mercado, que além de fundamental é ainda mais relevante na formação do tecnólogo. Há uma conexão, cada vez mais estreita, com o conhecimento científico, decorrente do avanço de tecnologias de ponta aplicadas a diferentes áreas e, nesse contexto, o papel do tecnólogo se torna, cada vez mais estratégico, pois é de quem se espera aptidão para a aplicação da tecnologia associada à capacidade de contribuir para a pesquisa (Martino, Prados, Machado, 2019).

A proposta de eixos tecnológicos atende às necessidades de uma sociedade do conhecimento, pois segundo essa perspectiva, os cursos são reunidos, segundo eixos temáticos, na educação profissional. O desenvolvimento científico está vinculado à aplicação do conhecimento na produção e tecnologias, pois sua aplicação deve estar associada à capacidade de contribuir para a pesquisa, num processo de alimentação e

realimentação da ciência aplicada para o desenvolvimento socioeconômico.

Anteriormente, o uso da noção de áreas profissionais indicava que o princípio organizacional se referia à diversidade das atividades econômicas. Segundo o Parecer CNE/CES nº 277, de 7 de dezembro de 2006, uma das vantagens dessa nova organização é a possibilidade de se transitar entre cursos semelhantes com mais facilidade, além da abertura para se implementar políticas de desenvolvimento, pois “[...] a organização em grandes eixos é o modo mais adequado para estimular o progresso industrial em linhas prioritárias de governo” (Brasil, 2006).

Com base nos eixos tecnológicos propostos, o Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia organiza e orienta a oferta de Cursos Superiores de Tecnologia. Esse documento foi inspirado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Superior Tecnológico e em sintonia com a dinâmica do setor produtivo e os requerimentos da sociedade atual (Martino, Prados, Machado, 2019).

Ao se refletir, portanto, sobre a educação profissional no contexto contemporâneo, é essencial pensar o papel do professor que se destaca e é decisivo para a preparação e desenvolvimento dos indivíduos exercerem ativamente sua participação na sociedade, bem como a consciência de seu papel social, com base no respeito à natureza do outro. Delors (2016) apresenta, para a educação do século XXI, a importância da preparação de um indivíduo com um modelo de desenvol-

vimento humano, com base no respeito à natureza do outro, com a necessidade da reflexão conjunta para a compreensão mútua com responsabilidade e solidariedade.

Em seu trabalho, o saber do professor, segundo Tardif (2014), inicia-se com o questionamento sobre como se dá o saber-fazer docente, para algumas análises sobre a modificabilidade do sujeito a partir de sua profissão, ou trabalho.

se o trabalho modifica o trabalhador e sua identidade, modifica também, sempre com o passar do tempo, o seu “saber trabalhar”. De fato, em toda a ocupação, o tempo surge como fator importante para compreender os saberes dos trabalhadores, uma vez que trabalhar remete a aprender a trabalhar, ou seja a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho (Tardif, 2014. p. 57).

De acordo com Tardif (2014), o saber-fazer de uma profissão não acontece de forma imediata, nem programada corporal e mentalmente. É o tempo e o domínio progressivo de habilidades que constituem os saberes de uma profissão.

O contexto social e econômico, bem como as relações entre tempo, trabalho e aprendizagem dos saberes profissionais dos professores são importantes. Segundo o Tardif (2014), apenas os saberes mobilizados e empregados durante os mo-

mentos quotidianos do trabalho docente para a resolução de problemas e para dar sentido a determinadas situações é o que constrói o saber-fazer da profissão-professor. Tardif, também, considera que os saberes são plurais, heterogêneos, porque acabam por vir de fontes variadas, de diferentes naturezas e bastante pautados no saber-ser de cada profissional.

Segundo Fartes e Santos (2011), ainda é necessário se pesquisar bem mais para se constituir uma estrutura curricular, com uma epistemologia própria quanto à formação profissional de professores de educação profissional. Segundo essas autoras, não só as bases da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia e até da Psicologia são essenciais para a construção desse campo curricular, mas também, a articulação dessas contribuições ao que se discute atualmente sobre formação docente em educação profissional.

A formação docente em educação profissional, de acordo com Fartes e Santos (2011), não se dá somente com a formação acadêmica, mas sim na dinamicidade da ação profissional, nos reflexos do aprendizado dessa vivência e nos processos identitários. Assim, na construção desses processos identitários não existe apenas um único campo específico de conhecimento para se compreenderem os saberes, a identidade do professor de educação profissional e a identidade da instituição para a constituição da cultura profissional.

Esse contexto contemporâneo de exigências tecnológicas, técnico-científicas, profissionais e pedagógicas apresenta implicações para os docentes da educação profissional e tecno-

lógica, principalmente, quando se considera que, nessa modalidade de ensino, a tecnologia seja um de seus objetos de estudo e de intervenção. A educação profissional, portanto, trata da sociedade, do trabalho humano e do conhecimento aplicado aos processos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado, 1996. DOU 23/12/1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 25/ago/2022.

BRASIL. **Parecer CNE/CES Nº 277**. Nova forma de organização da Educação Profissional e Tecnológica de graduação. De 07 de dezembro de 2006. Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces277_06.pdf Acesso em 12/jun/2022.

BRASIL. **Lei Nº 11.741**, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11741.htm Acesso em 25/08/2020. Acesso em 14/abr/2022.

BRASIL. **Resolução CNE/CP Nº 1**, de 05 de janeiro de 2021. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578> Acesso em 11/maio/2022.

CORDÃO, F. A. 20 anos da LDB: avanços e perspectivas para a próxima década. In CURY, C.R.J.; CORDÃO, F.A.; NEUBAUER, R. **20 anos da LDB - Avanços e perspectivas para a próxima década**. São Paulo: Editora Jatobá, 2017.

CURY, C.R.J. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: um caminho percorrido, um presente desafiante. In CURY, C.R.J.; CORDÃO, F.A.; NEUBAUER, R. **20 anos da LDB - Avanços e perspectivas para a próxima década**. São Paulo: Editora Jatobá, 2017.

CURY, C.R.J.; CORDÃO, F.A.; NEUBAUER, R. **20 anos da LDB** - Avanços e perspectivas para a próxima década. São Paulo: Editora Jatobá, 2017.

DELORS, J. (org). **Educação um Tesouro a descobrir**. 7ª edição, São Paulo: Editora Cortez, 2016.

FANFANI, E.T. **La condición docente**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

FARTES, V.; SANTOS, A. P. Q. O. Saberes, Identidades, Autonomia na cultura docente da Educação Profissional e Tecnológica. In: Cadernos de Pesquisa. V. 41, nº 143, p. 376-401, maio/ago 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000200004>

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINO, M.A.; PRADOS, R.M.N.; MACHADO, M.M. Fins e Ideais do currículo em Educação Profissional e Tecnológica. In: ARAUJO, A. M.; DEMAI, F (organizadores). **Currículo Escolar em Laboratório: a Educação Profissional e Tecnológica**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2019.

MIALARET, G. **Ciências da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

NEUBAUER, R. Principais legislações educacionais dos últimos 50 anos: considerações sobre inserção, avaliação e ensino médio. In: CURY, C.R.J.; CORDÃO, F.A.; NEUBAUER, R. **20 anos da LDB** - Avanços e perspectivas para a próxima década. São Paulo: Editora Jatobá, 2017.

PETEROSI, H. G., ITOCAZU, N. A. As Novas Tecnologias de Informação e a prática docente. In: PETEROSI, H. G.; MENESES, J. G. de C. (coords). **Revisitando o Saber e o Fazer Docente**. São Paulo: Thomson, 2005.

PETEROSSI, H.G.; MENINO, S.E. **A Formação do Formador**. São Paulo: CEETEPS, 2017.

RAMOS, M. N. A Educação profissional pela pedagogia das competências e a superfície dos documentos oficiais. In: **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 23, n. 80, setembro de 2002, p. 401-422. Disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 24/08/2022.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

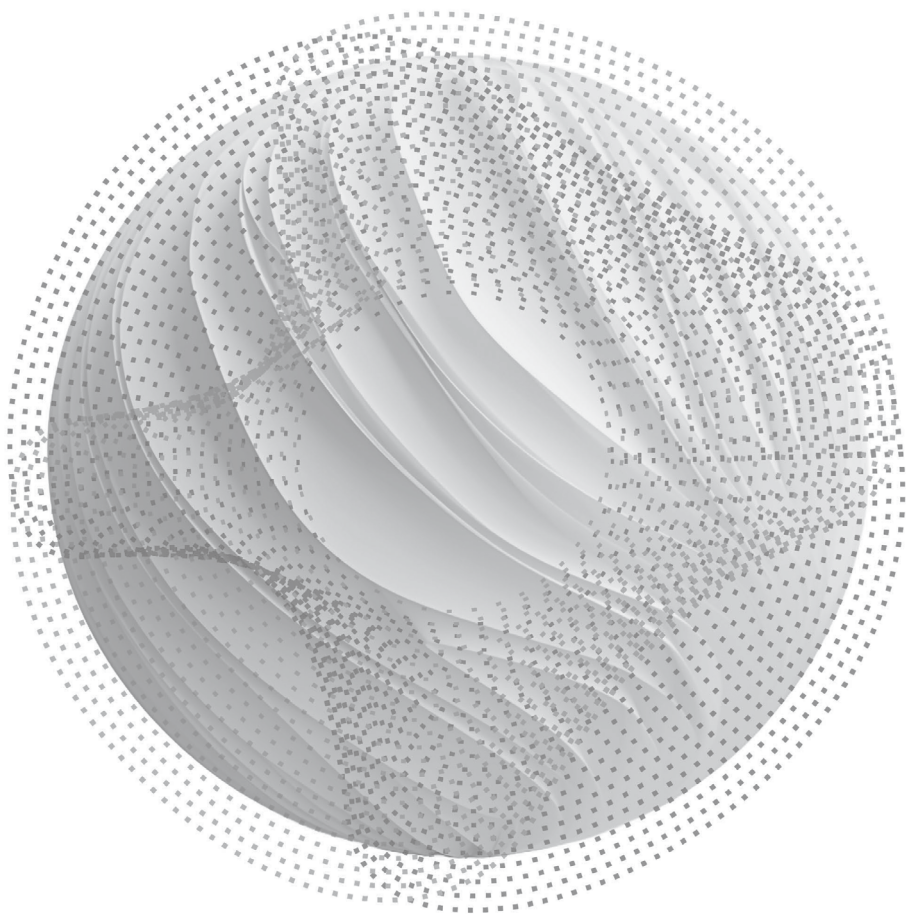
SACRISTÁN, J. G. **O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizada**. In: GARCIA, R. L.; BARBOSA, F. M. Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafio. São Paulo: Cortez, 2003.

SÃO PAULO, Conselho Estadual de Educação de. **Deliberação CEE n. 162**, de 11 de outubro de 2018. Disponível em http://www.ceesp.sp.gov.br/busca_por_assunto?let=E&assunto=19 Acesso em 22/maio/2022.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEDESCO, J. C. Prólogo. In: FANFANI, E.T. **La condición docente**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

TEDESCO, J. C. **EL Nuevo Pacto Educativo**. Educación, Competitividad y Ciudadanía Em La Sociedad Moderna. Madrid: Grupo Anaya, S.A., 1995.



Capítulo 2: Discursos sobre Formação docente em Educação Profissional

Rodrigo Avella Ramirez

O saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente.

(Maurice Tardif)

Neste capítulo, iniciamos com uma breve discussão sobre os autores que, ao longo da disciplina, trouxeram aportes conceituais sobre o processo de formação de professores. Seguimos com o relato da atividade final elaborada pelos mestrandos: uma produção textual que constitui o *corpus* de análise deste capítulo. Tem-se como enquadramento teórico-metodológico a linguística sistêmico-funcional, finalizamos o capítulo com a análise deste *corpus* que pretende nos guiar em direção à resposta da pergunta norteadora deste es-

tudo: *Quais os discursos dos mestrandos sobre formação docente na educação profissional?*

A formação do formador

É pertinente discutir a formação contínua do professor, diante do cenário educacional atual, em que se requer a realização constante de uma avaliação do trabalho docente. E nesse processo de formação contínua, o saber ensinar pressupõe uma aprendizagem do saber, do saber fazer e do saber ser. Quanto ao profissional professor em educação profissional, espera-se que este apresente sua experiência, construída na área técnica da sua profissão de formação. Não obstante, ao tornar-se professor, em uma determinada instituição de ensino, os modelos pedagógicos que esses profissionais trazem consigo são aqueles desenvolvidos durante sua própria formação acadêmica, enquanto aluno, em um dado momento histórico.

É certo que a aprendizagem ao longo da vida não é novidade na docência, pois, segundo Tardif (2014), o saber dos professores é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional. Aliás, o autor afirma que o saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de naturezas distintas.

A formação docente, de acordo com Pimenta (2005), envolve auto formação, que se desenvolve, a partir da reela-

boração constante dos saberes realizada na prática, além do confronto de suas experiências no contexto escolar.

De acordo com Sacristán (2003), a experiência se adquire, é a prática ou a vivência da pessoa por si mesma, ainda que necessite de ajuda, ou que seja provocada por outros. É a própria forma de se relacionar com o mundo, ou seja, atua-se sobre ele e recebem-se seus efeitos. Nesse sentido, Zabala (1998) afirma que os fins, ou os objetivos ou as intenções educacionais nunca podem ser entendidos sem se levar em conta as intenções, as previsões e as expectativas do profissional que as elaborou.

Professores são profissionais do ensino, para Gatti et al (2019), e seu trabalho pressupõe a construção de ambientes de aprendizagem, além de prover a formação em valores, atitudes e relações interpessoais para se viver bem e de forma digna. Se por um lado há um crescente investimento na formação continuada docente, por outro, Gatti (2009) aponta a limitada inclusão dos professores na estruturação de políticas e atividades formativas, tornando-se meros executores, fato que provoca o não envolvimento, distanciamento e não apropriação destas propostas exógenas.

Ao se pensar em formação de trabalhadores, incluindo-se profissionais do magistério, Allain et al. (2020) indicam dois conceitos de vital importância para se pensar os processos pedagógicos: atividade e situação.

Tornam-se, em alguns casos, um “par conceitual” (não de oposição e sim em ligação): atividade-situação. Esse movimento denota que é devolvido ao campo da ação, no dis-

curso educacional e epistemológico, seu valor de vetor e de produtor de saberes, os quais são estruturados e significados segundo contextos situacionais, são incorporados, mobilizados ou produzidos em atividade (Allain; Gruber; Wollinger, 2020, p.16).

Com o que foi apresentado até este momento, observa-se a necessidade de uma formação que evidencie o protagonismo e o papel constitutivo do docente em seu próprio processo formativo, que seja considerado sujeito produtor de conhecimento sobre sua prática.

Cartas a um jovem professor

Como tarefa final da disciplina, após as discussões estabelecidas em sala de aula, foi proposta a produção textual: a elaboração de “uma carta a um aspirante à docência”, com argumentação teórica discutida em sala de aula ao longo do curso. Essa atividade foi complementar à leitura da obra de Philippe Meirieu, *Carta a um jovem professor* (Meirieu, 2006).

Essa proposta de atividade teve como objetivos, proporcionar aos alunos bases para contextualização, reflexão e fundamentação sobre formação de formadores da educação profissional e tecnológica. Cada um dos onze mestrandos, matriculados na disciplina, escreveu sua carta e trechos que ilustrem os discursos produzidos sobre formação docente serão discutidos na análise dos resultados.

Discurso e Linguística Sistêmico-Funcional

A disciplina teve como eixo norteador o conceito de Educação como uma prática social historicamente situada. O que nos leva a buscar Caldas-Coulthard (2014) quando esta autora faz referência à Fairclough (2001), ao descrever que o processo analítico de um evento discursivo ocorre, simultaneamente, em três níveis: o do texto, o da prática discursiva e o da prática social, salientando assim, a conexão entre teoria e prática, bem como o estabelecimento de uma metodologia descritivo-interpretativa.

Meurer (2008), em consonância com Fairclough, define discurso como o conjunto de princípios, valores e significados por trás do texto. Discurso é, portanto, a linguagem em uso, a prática social que se manifesta através de textos. Por textos, entendem-se, neste trabalho, manifestações discursivas escritas ou faladas; o texto é a materialidade linguística do discurso, sendo, por meio do discurso, possível representar o mundo, as relações sociais e as identidades sociais.

Sob esta perspectiva, pode-se afirmar que ao analisar um discurso, estamos nos referindo a textos e a gêneros textuais em seus contextos sociais.

Ao estudarmos discurso, examinamos a maneira pela qual o texto cria significados e reflete a visão e a ideologia de seu escritor e sua sociedade. Nesse sentido, discurso é sempre

parte da ação social: todo o texto e um instrumento de comunicação alocado em um contexto social, sendo influenciado por ele e, ao mesmo tempo, o influenciando, estamos nos referindo a textos em seus contextos sociais (Caldas-Coulthard, 2014, p.99).

A fundamentação reside no fato de que um evento discursivo apresenta três aspectos e/ ou dimensões: pode ser um texto falado ou escrito, por ser produzido e interpretado onde estabelece-se uma prática discursiva; e devido ao contexto em que foi produzido/ interpretado passa a ser uma amostra de prática social.

Práticas sociais ou maneiras de agir são atividades que as pessoas (atores sociais) fazem com ou para outras pessoas, em lugares específicos, seguindo convenções/regras, num determinado tempo e lugar. Mesmo que examinemos somente aspectos linguísticos (vocabulário, gramática, semântica, estrutura textual), precisamos estar conscientes do que existe fora do texto, informando-o e influenciando a maneira pela qual é articulado (falado, escrito, por imagens, por gestos, etc.). Em qualquer análise, temos que considerar, por exemplo: quem escreveu/ falou o texto? Para quem foi escrito/ falado o texto? Quem está dizendo o que, para quem e em qual situação? Quem são os participantes e o que se espera da comunicação? Quando, onde e por que o texto foi escrito/ falado? Onde o texto apareceu e em que formato? (Caldas-Coulthard, 2014, p.99).

As perguntas feitas pela autora tornaram-se norteadoras para a análise das cartas que compõem o *corpus* deste artigo, uma vez que ao falar em discurso, estamos nos referindo a

textos e a gêneros textuais em seus contextos sociais. Assim, discursos são realizados em gêneros textuais que, por sua vez, são materializados em códigos semióticos. Ao estudarmos discurso, examinamos a maneira pela qual o texto cria significados e reflete a visão e a ideologia de seu escritor e sua sociedade. Nesse sentido, discurso é sempre parte da ação social: todo o texto é um instrumento de comunicação alocado em um contexto social, sendo influenciado por ele e ao mesmo tempo, o influenciando. Um dos maiores proponentes da visão crítica do discurso, Norman Fairclough (1992) sugere que: “Discurso para mim é muito mais do que a linguagem em uso: é a linguagem em uso vista como um tipo de prática social”.

A Análise Crítica do Discurso (ACD), por não ser uma teoria de análise linguística, tem a necessidade de aliar-se a outras teorias, entre elas a Linguística Sistêmico Funcional (LSF), de Halliday que servirá como alicerce teórico para a análise das cartas elaboradas pelos mestrandos.

A (LSF) nasce na década de 1970 e parte do princípio de que teorizar a linguagem é uma forma de intervir nela e na estrutura social que a norteia. Enquanto perspectiva de estudo da linguagem, é sistêmica porque a gramática é vista como um sistema não deliberado de escolhas e é funcional porque objetiva explicar as consequências que estas determinadas escolhas possuem.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) tem como base a semântica e não a sintaxe. Assim, a teoria permite abordar a linguagem como um sistema complexo de significados, que

se organiza de acordo com as exigências da situação discursiva. Embora o texto seja composto por palavras e sentenças, ele é realmente feito de significados, uma unidade semântica. É preciso ir além das palavras e estruturas, vendo o texto como um todo de linguagem, como um evento interativo, uma troca social de significados. A relevante contribuição da LSF para os estudos discursivos, notadamente para a Análise Crítica do Discurso (ACD) foi a análise multifuncional do texto, unidade de análise da LSF, o que significa analisar o texto de maneira que se contemplem as três funções sociais da linguagem preconizadas por Halliday, presentes em todo e qualquer enunciado:

- ✓ A função ideacional: refere-se à como representamos a nossa realidade; como representamos as experiências de vida,
- ✓ A função interpessoal: consiste da forma como estabelecemos relações sociais e identidades;
- ✓ A função textual: referente à própria organização e estrutura do texto, escrito ou oral.

Toda sentença em um texto é multifuncional; mas não de tal maneira que se possa apontar para um segmento específico e dizer que ele possui apenas aquela função. Os significados são tecidos em conjunto, de forma tão densa que para entendê-los, não devemos olhar para as partes isoladamente, mas sim, para o todo simultaneamente através de diferentes ângulos vendo como cada um deles contribui para a interpretação total, que é a natureza essencial

de uma abordagem funcional (Halliday, M.A.K; Hasan. R, 1985, p.23)¹

Vale ressaltar que para a LSF as funções não ocorrem separadamente, e sempre deve-se levar em consideração o contexto em que foi produzido o enunciado, cujo objetivo reside em explicar por que um texto significa aquilo que significa e porque é avaliado de determinada maneira. Este contexto, também, pode ser subdividido em duas categorias: contexto da cultura e contexto da situação.

- ✓ Contexto da cultura: inclui crenças, valores, aspectos socioculturais.
- ✓ Contexto da situação: objetiva analisar elementos exteriores à língua como: quem está falando e para quem, e sobre o que se está falando. Subdivide-se em três parâmetros de análise: campo, relação e modo. De acordo com Meurer e Dellagnello (2008),

O campo do discurso ou a natureza da prática social [institucionalizada ou não] realizada pelo uso da linguagem- o tipo de ato que está sendo executado e seus objetivos (elogiar, culpar, informar, etc.); **relação** refere-se aos papéis atribuídos aos participantes (pai/filho, autor/leitor, etc.); o grau

1 every sentence in a text is multifunctional; but not in such a way that you can point to one particular constituent or segment and say this segment has just this function. The meanings are woven together in a very dense fabric in such a way that, to understand them, we do not look separatell at its different parts; rather, we look at the whole thing simultaneoulsy from a number of different angles, each perspective contributing towards the total interpretation. That is the essential nature of a functional approach.

de controle de um participante sobre o outro, a relação entre eles (hierárquica ou não-hierárquica: especialista/ palestrante com a plateia ou amigo/a interagindo com um amigo/a, etc.); a distância social existente (mínima ou máxima: participantes que interagem frequentemente, participantes que se conhecem fora daquele contexto específico, etc.); e **o modo do discurso** – papel desempenhado pela linguagem (constitutivo ou auxiliar/ suplementar); o compartilhamento do processo entre os participantes (dialógico ou monológico); o canal da mensagem (gráfico ou fônico); o meio (falado-com ou sem contato visual; ou escrito) (MEURER; DELLAGNELLO,2008, p.23).

Para o estudo em análise neste capítulo, os parâmetros do contexto de situação se organizam da seguinte maneira:

Campo: O estudo se circunscreve na disciplina Formação do Formador que integra o conjunto de disciplinas do curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional. Como tarefa de final de curso, tendo como base as leituras e discussões realizadas durante a disciplina e, em especial, a leitura do livro de Philippe Meirieu, os mestrandos escrevem uma carta direcionada a um jovem professor tendo como objetivo dar conselhos a um professor com interesse em ingressar na educação profissional.

Relação: Fizeram parte desta edição da disciplina onze mestrandos, a grande maioria profissional da área de educação profissional, e quatro docentes da disciplina. Os alunos participaram como autores, mas também como leitores das cartas dos colegas. Os docentes da disciplina, se bem que lei-

tores, também assumiram a tarefa de avaliar as cartas em termos de sua adequação à proposta inicial configurando-se aí a hierarquia. Em relação à distância, a princípio seria máxima, pois as cartas não possuíam um destinatário pré-determinado e conhecido dos escritores, mas por terem sido compartilhadas em aula, a distância acabou por ser mínima. Todos leram suas cartas para a turma e entregaram-nas aos docentes, que decidiram compilá-las e produzir este *e-book*, que para tanto, denota uma distância máxima entre autores e leitores.

Modo: A linguagem teve um papel eminentemente constitutivo neste projeto; o compartilhamento foi dialógico uma vez que os alunos receberam feedback dos professores e expuseram suas cartas aos colegas da turma; o canal gráfico constituiu-se como fundamental para o registro do texto, mas também o fônico, pois as cartas foram lidas em aula e em voz alta o que possibilitou o contato visual entre os participantes. Não obstante, no que se refere a este capítulo, e ao *e-book*, tem-se a exclusividade do canal gráfico e da ausência de contato visual como constituidoras do modo.

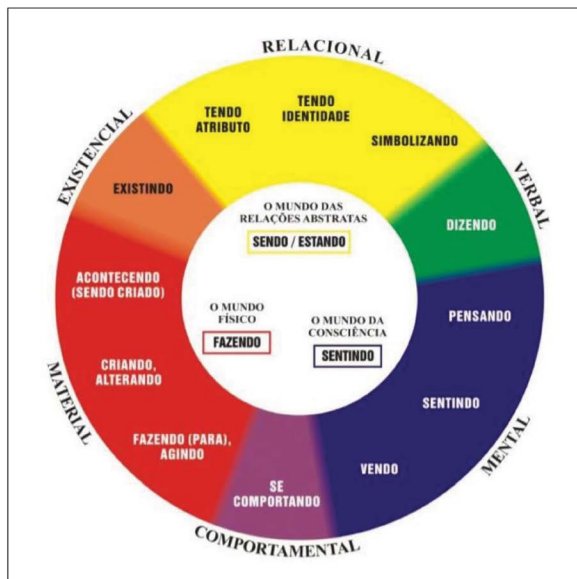
Este capítulo tem como foco de estudo a análise de uma destas funções: a função ideacional. Uma vez que ela aborda como os alunos/mestrandos textualizam o mundo (docência), representando discursivamente o que entendem por formação docente no contexto da educação profissional brasileira.

A função ideacional diz respeito à utilização da língua para posicionar, ou para expressar visões particulares de mundo, experiências, construindo assim figuras/ representações da realidade, ou seja, discurso. Halliday (2004) argumenta que

a função ideacional representa o potencial de significado do falante como um observador; é o conteúdo da língua. Para Halliday (1994) a língua possibilita ao indivíduo a construção mental da realidade, a fim de que ele compreenda o que acontece no seu interior e seu exterior através de processos/ eventos como tornar-se, sentir, fazer, dizer e ser. De acordo com a LSF, a função ideacional é compreendida em termos de conteúdos e ideias e se realiza através do sistema de transitividade que nos permite entender, em uma oração: quem faz o quê, a quem e em quais circunstâncias, uma vez que, no âmbito da LSF, considera-se o verbo como elemento central das orações. Os verbos no sistema de transitividade são classificados em seis grupos ou processos: *material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial*.

O sistema de transitividade, representado na Figura 1, nos auxilia a visualizar os processos como um espaço semiótico, com delimitações não rígidas e fixas. *Pelo contrário*, prevalece o fluxo contínuo de significações que podem se entrelaçar com a finalidade de estabelecer diferentes formas de representação da realidade.

Figura 1: Processos do sistema de Transitividade da LSF



Fonte: Halliday & Matthieseen, 2004, p.172 (adaptada)

1. Os processos materiais são processos de fazer, relacionados a ações do mundo físico como iniciar, buscar, lecionar.
2. Os processos mentais são processos que envolvem eventos psicológicos de percepção (ver, ouvir, perceber), de cognição (pensar, conhecer, entender) e de afeição (gostar, amar, odiar). Os processos mentais possibilitam ao usuário da língua expressar opiniões, pensamentos e sensações que ajudam a moldar sua definição de realidade.
3. Os processos relacionais referem-se a verbos de ligação, que estabelecem atributos de posse, e tais como possuir, parecer, ser, estar.

4. Os processos verbais são realizados por verbos que indicam fala, como questionar, dizer, comentar, retrucar, contar, perguntar.

5. Os processos existenciais, de forma similar aos relacionais, constroem um participante envolvido num processo de ser.

6. Os processos comportamentais referem-se a comportamentos fisiológicos e psicológicos como sorrir, chorar, respira.

Inseridos em uma dimensão tridimensional (Ser, Fazer, Sentir), por meio destes processos podemos investigar como os sujeitos representam suas experiências, e como suas crenças e conhecimentos são realizados em termos de escolhas léxico-gramaticais. Para responder à questão de pesquisa que norteia o estudo, foram selecionados alguns trechos da produção textual (cartas) dos alunos, a fim de compor esta discussão.

Análise e discussão dos dados

Como os mestrandos representam suas experiências e como suas crenças tornam-se materializadas pelas escolhas léxico-gramaticais feitas é o que se pretende analisar nos excertos a seguir.

O trecho a seguir foi selecionado como primeiro a ser analisado por ilustrar o que, praticamente, todos os mestrandos mencionam em suas cartas. Referindo-se a Tardif (2010), para quem os saberes docentes são plurais e um processo formativo, que tenha em conta o professor como protagonista de seu desenvolvimento profissional, considera as várias dimensões que compõem este saber.

Para aperfeiçoar a prática de lecionar, você, docente atuante na educação profissional, deve estar na constante busca da formação continuada, qual é fundamental para possibilitar evolução em suas práticas pedagógicas e fornecer o apoio necessário aos discentes na construção do conhecimento. Também é importante colega professor que você seja empático, colocando-se sempre no lugar do nosso aluno e entendendo o que causa dúvidas ou dificuldades. É de extrema importância que você seja paciente e saiba quando passar para um novo conteúdo, observando sempre o nível de compreensão da classe. Saber respeitar os nossos alunos e seus diferentes ritmos de aprendizagem se faz necessário, bem como acompanhar individualmente os mesmos e os avaliar com instrumentos diversificados para efetivar a aprendizagem (Sujeito 1).

O excerto acima também é bastante representativo dos demais a serem analisados por conter, claramente, a predominância dos processos material, mental e relacional. Os processos materiais são apresentados pelas ações: avaliar, efetivar, passar, acompanhar, buscar e denotam atividades e técnicas utilizadas por praticamente todo professor. Os processos mentais surgem com os verbos (entender e observar),

que estão em estreita conexão com aspectos cognitivos da formação docente. E temos ainda os processos relacionais, materializados pelo verbo de ligação (ser) em conexão aos atributos empatia e paciência.

O excerto a seguir adota a mesma linha discursiva, vejamos:

*Quanto ao perfil do professor, acredito que em determinando momento é preciso **ser** disciplinador, flexível, **fazer** o uso de empatia, enfatizo a importância do diálogo com seus alunos e um acompanhamento muito próximo deles, seu coordenador é um forte aliado quando **precisar relatar** algum problema dentro da sala de aula. **Devemos pensar** em várias formas de **engajar** nossos alunos com as nossas aulas. **Leia** sobre os autores relacionados à educação, que no passado conquistaram inúmeros saberes através de pesquisas, nas suas aulas você poderá **se espelhar** neles usando um pouco de cada pedagogia mencionada e estudada por eles, acredito que ensinar exige muita flexibilidade, pois a educação é uma prática social historicamente situada. **Seja** um professor participativo e engajado com as atividades de sua escola, pois ela será sua segunda casa, é importante trabalhar em um lugar que te motive, pois você precisará de forças para **encarar** as di-*

*ficuldades vindouras. **Conheça e leia** o currículo proposto por sua instituição, a forma de como ele é organizado, se é por área de conhecimento, pela interdisciplinaridade, há várias formas de organizar o currículo educacional e é importante a forma de como o currículo está organizado, hoje o enfoque global vê o homem como um ser integral, e é importante que temos esse olhar para o aluno de forma integral, não podemos apenas pensar em pedaços de conhecimentos. Meu último conselho é que você **não desista** de seus objetivos, **de lecionar e estar envolvido** com a educação, nos momentos difíceis busque ajuda, converse com sua equipe de professores (Sujeito 10).*

Temos aqui o discurso de um professor que analisa a própria função tendo como categoria de análise a função ideacional. Processos materiais (fazer, relatar, ler, lecionar) estão sempre em proximidade de processos mentais (conhecer, pensar) e relacionais (ser), o que vem a reforçar o potencial de significação do narrador como um observador Halliday (2004).

No excerto a seguir, a complexidade dos processos formativos vem novamente à tona.

Tornar-se professor é escolher como ofício lecionar, mediar, facilitar, encorajar, ins-

pirar, EDUCAR. Na educação tudo deve começar e terminar no diálogo: quando você quiser comemorar suas vitórias ou **refletir** sobre os erros: **comunique-se!** Sempre fique atento às oportunidades de aprendizado, seja em momentos singelos na sala de aula ou por meio de iniciativas mais estruturadas, como cursos, conferências, colóquios e literatura técnica. **Cuide** da sua carreira. Sacristán falaria para você: **cuide** de suas competências. Já Tardif, um pesquisador francês, provavelmente diria: **cuide** dos seus saberes! E saber (olha o trocadilho aqui rs) **escolher, organizar e priorizar** como você vai **sistematizar** a sua própria formação pode ser o principal passo para pensar no progresso de seus estudantes. Nem sempre é claro e mais uma vez aqui, eu sugiro: **observe, reflita e CONVERSE** (Sujeito 2).

Os processos materiais (lecionar, mediar, cuidar, organizar, priorizar, sistematizar) colocam em evidência o papel proativo que o professor deve assumir na construção de sua identidade profissional, sua autoformação. Já os verbos (refletir, observar) trazem os processos mentais, que tem aqui a função de fortalecer as ações dos processos materiais e enaltecer o papel reflexivo e autônomo que o professor adquiri ao entrar em contato com o seu sentir, isto é, a sua consciência,

o professor não é um autômato, mas sim autônomo. Em linha com Gatti (2009) quando afirma que os docentes não devem ser meros executores de propostas exógenas. Por fim, este excerto traz com muita ênfase os professos verbais, materializados pelo verbo (comunicar). Este verbo é o que torna possível que o mundo da consciência do professor se conecte com o mundo físico, do fazer. Ou seja, os processos verbais fazem a conexão entre os processos materiais e os mentais.

O trecho a seguir, de outro mestrand, segue a mesma linha de raciocínio ao integrar os processos materiais e mentais com vistas a construir o saber docente. Neste caso, o processo mental precede o material, atribuindo-lhe sentido. Novamente, temos uma referência a Tardif (2010) quando este autor diz que os saberes têm abrangência social mas envolvem questões de ordem pessoal. O professor deve primeiramente entender para então realizar.

***Entender** o real papel do docente lhe proporcionará um despertar que irá gerar energia para **realizar** um bom trabalho, pautado no aluno e na evolução deste, em que o professor deve atuar como facilitador e o aluno como gerador/protagonista levando-os ao crescimento pessoal e profissional. Cabe ressaltar aqui que a empatia, o respeito e a afetividade são aspectos relevantes importantes para o desenvolvimento de ambos (Sujeito 3)*

O próximo trecho traz um discurso bastante contundente e exortativo (Caldas-Coulthard, 2014) que enfatiza como o professor deve agir.

***Pense** sempre na sua profissão, ou seja, no ofício do educador, como um convite para reflexão e revisitação de práticas. (...) A forma que você **fala**, o jeito de **explicar**, o **comportamento**, o que você **admira**, enfim, muitas serão as evidências que lhe acompanharão durante a trajetória profissional e por que não, depois que parar. Não existe ex-professor! (...), portanto é uma obrigação sua, caro professor, **se situar** no tempo e no espaço e observar o quanto você está alinhado com eles, pois o seu tempo é o agora; ficar o tempo todo repetindo “no meu tempo”, desperta um saudosismo desnecessário e por vezes até perigoso, porque você pode (insistir) em elementos que talvez nem existam mais, porém você cerca com uma expectativa que não será atendida (Sujeito 4).*

Chama a atenção no trecho acima, ademais da prevalência do mundo físico ilustrada pelos processos materiais (falar, explicar, se situar), a conexão destes com o processo comportamental. Desta conexão, temos um discurso que ao unir o

mundo físico com o mundo da consciência, deseja chamar a atenção para questões ideológicas, tais como a naturalização de crenças de um discurso hegemônico, legitimado e incontestável, como pode-se observar a continuação.

*A escola é um organismo vivo, **depende** para resolver problemas, ou então apontar para os causadores de problemas é pouco, é pequeno para o ofício. Nada se **constrói** sem lutas, aliás, o governo não dá nada de graça, **lembre-se** que vivemos o Estado Mínimo. São necessárias várias frentes para começar a resolver a questão da educação no Brasil. Você, portanto, pode **começar resolvendo** a sua questão profissional. Primeiro **esteja sempre pronto** a aprender, mas naquilo que você se formou, seja “doutor”. Certa vez uma sábia professora me disse; “Ninguém ensina o que não sabe”, então **conheça** profundamente aquilo a que você se propôs, pois se assim não for, nenhuma estratégia irá ajudá-lo **Crie** o hábito da leitura. **Leia, leia** de forma incessante, jamais discuta no vazio. Não vá **se colocar** em situação delicada ou de exposição por desinformação. **Seja humilde** e acostume-se a ir atrás de informações relevantes e com fundamentação, só assim você*

*terá a credibilidade que tantos almejam e que para o professor é de extrema importância, afinal **somos** formadores de opinião (Sujeito 4).*

Conforme aponta Fairclough (2001, p.85) “ a hegemonia é concebida como um equilíbrio instável construído sob alianças e a geração de consenso das classes ou grupos subordinados, cujas instabilidades são os constantes focos de luta”. No discurso deste professor tal posicionamento é evidente; e ainda vai além, aos processos materiais (criar, resolver, construir, colocar-se) e mentais (ler, pensar, conhecer) somam-se processos relacionais (ser humilde, ter credibilidade). A metáfora da escola como um organismo vivo é, claramente, indicativa de um discurso relacional, pelo qual o professor é capaz de remodelar e reestruturar suas práticas pedagógicas.

Já o trecho a seguir tece considerações dirigidas a um público pertencente a uma categoria profissional bastante específica, vejamos:

*Ao engenheiro que decidiu ser professor. Você decidiu **ensinar**? Ensinar é organizar o confronto com os saberes e **ajudar** a se **apropriar** deles. Enquanto o artista procura **comover**, o político **convencer**, o empresário **dirigir**, o professor, por sua vez, **ensina**. E como é ser professor? Ser professor é assumir sempre a apresentação dos saberes e, ao*

*mesmo tempo o acompanhamento de sua apropriação. Quando **entrei a primeira vez** numa sala de aula de um curso técnico em eletrônica, confesso que **fiquei desambientado** e com um livro de física embaixo do braço. Com o passar dos semestres, fui **associando** algumas técnicas em sala de aula, que sempre foram muito parecidas como o meu dia a dia fora delas, na atividade de engenheiro de vendas. O cliente é o propósito do vendedor! E na vida docente, O aluno é o propósito, o aluno é centro das atenções! (Sujeito 8).*

O discurso neste trecho de carta, dirigido a engenheiros, atuantes na profissão, tem um tom autobiográfico bastante claro, haja vista a descrição da própria experiência pedagógica e o destaque dado aos processos relacionais e existenciais (ser). Por ser dirigido a uma categoria profissional bastante específica, os engenheiros, temos os processos materiais (dirigir, comover, convencer, ensinar, acompanhar, apresentar) que direcionam a leitura e a compreensão daquilo que se pretende comunicar. Comunicação essa bastante clara, assertiva e diretiva, para que não haja dúvidas quanto às intenções do escritor, ou seja, seu discurso.

O excerto a seguir coloca em destaque o binômio trabalho-escola, relação basilar da Educação profissional.

Escrevo para o profissional de mercado que pensa em um dia se tornar professor do ensino técnico profissionalizante. (**Tente** se lembrar) se algum dia brincou de escolinha na infância, você certamente era o professor. **Gostava** de escrever na lousa, (**gostava**) de simular lições e provas. Tente se lembrar do professor que (**despertou** sua admiração), aquele que você imitava, aquele que você imaginava ter uma vida interessante, cheia de livros e saber. E no trabalho, que prazer você sente em poder ajudar alguém com seus conhecimentos, compartilhá-los é uma alegria sempre. É meu caro, você não irá se tornar professor por um mero acaso da vida. **Pense** nisso. Preciso te dar um conselho, e de verdade, é um que ainda estou testando. **Ocupe** o seu lugar, **estude**, **busque** sua especificidade de identidade, **estude**, **faça** a docência profissional valer a pena. Sabe por quê? Porque nesse caminho você vai conhecer pessoas incríveis, pessoas que precisam sobreviver nesse mundo, e que têm urgência dessa sobrevivência. E nem por isso são “pessoas menores” ou menos pessoas. Eles vão te ensinar a ser professor. São os alunos (Sujeito 5).

Este excerto traz com muita intensidade os processos mentais de afeição (gostar, admirar), até mesmo os processos mentais (pensar, sentir) aparecem em um claro intento de apelo à memória afetiva. Os processos materiais (estudar, ocupar, buscar, ensinar) não poderiam faltar, aparecem claramente situados no ambiente de trabalho do professor, mas em estreita relação com os sentimentos. E, de acordo com Meirieu (2006), “(...) nosso esforço consiste em despertar a motivação no próprio movimento do trabalho”. O discurso deste mestrando consiste em dizer que o professor tem na sua frente, o aluno, sua maior fonte formativa.

O próximo trecho traz uma questão muito pertinente, e integrante, da carreira de muitos que iniciam na docência. A possibilidade da passagem de professor à gestor educacional.

*Outro fato importante que acontece na nossa jornada docente é, conforme **tenha saltos** na carreira e promoção funcional como coordenador, diretor ou algum cargo de autoridade na Educação, **lembre-se** que você **continua** sendo professor acima de tudo, mesmo que **atue** nas funções mais burocráticas que possam surgir neste imenso cosmos educacional. Caso venha **a atuar** em alguma função burocrática, **pense** se alguns dispositivos **criados** para facilitar o controle e o acompanhamento do ritmo escolar **não estejam** atrapalhando o trabalho pedagógico da es-*

cola, pois o burocrático não pode sobrepor o pedagógico, apesar de sua extrema importância na organização escolar (Sujeito 6).

Neste trecho, o discurso preconiza que os processos materiais (atuar, criar) associados às ações do gestor, são ações de ordem burocrática. Para que haja um equilíbrio, surgem os processos mentais (lembrar, pensar), a fim de resgatar os atributos pedagógicos, o texto deixa bem claro que o gestor foi, é, e sempre será um professor. Portanto, o discurso em questão é: não se aparte da figura do docente, do que ela representa, faz e como se sente.

Os excertos a seguir, trazem também menções à tensão que pode haver entre o mundo burocrático e o acadêmico, dentro de uma instituição de ensino.

*Alguns professores **expressam** paixão pela área da disciplina que lecionam, porém muitos **se encontram** desmotivados. Desanimados com a nova geração de estudantes, sempre conectados nas redes sociais, seguindo modismos quase diários, programas televisivos (alguns medíocres), jovens esses, que incorporaram, como modo de vida, a necessidade de aprovação dos “amigos virtuais”, todo o tempo, o tempo todo. Somada a essa nova “formatação” de estudantes, ainda nos deparamos com uma grande quantidade de*

tarefas administrativas, reuniões, problemas de disciplina em sala de aula e relatórios a **serem entregues**, restando menos tempo para **criarmos** situações de aprendizagem eficazes e significativas. Aos desanimados, quero **dizer** que apesar dessas pressões exercidas sobre nós, ainda há esperança. Ainda é possível **transmitir, ensinar, educar** em uma sala de aula. Precisamos **nos adaptar** aos novos tempos. **Não somos mais** a figura respeitada unicamente por **sermos** professores (como há poucos anos) tanto pelos estudantes como pela sociedade. Assim, então, **necessitamos** que o componente afetivo atue de forma determinante na aprendizagem. Repito: Precisamos **nos adaptar** aos novos tempos. **Ensinar é um meio de possibilitar** que os alunos tenham a alegria das descobertas, mas é, principalmente, **mostrar** os caminhos que levam a elas, ou seja, a aprendizagem é uma construção pessoal realizada com ajuda de outras pessoas (Sujeito 7)

Os processos materiais (entregar, adaptar, transmitir, ensinar, educar, mostrar) dominam o discurso, porém, o autor teve o cuidado em dar uma descrição dos contextos da cultura e da situação, e neste último, por meio de seus parâmetros de campo, modo e relação, os processos relacionais e existen-

ciais (ser) ganham destaque e, mais uma vez, evidenciam a complexidade do tema formação docente.

*O professor **possui** o contato direto com o aluno e é por ele responsável no processo de ensino a aprendizagem, porém **possui** na estrutura organizacional uma estrutura burocrática que pode distanciá-lo da verdadeira razão de seu trabalho. Essa distância pode **ser** causada tanto por relações de subordinação quanto por atividades formais que apresentam documentos, porém pela subjetividade não demonstra o aproveitamento real no processo de ensino aprendido. Caro amigo, **seja** atento para não **abandonar** os processos burocráticos ou **focar** neles com excelência tirando o foco do real objetivo. A dosagem pode ser uma estratégia de ganho mútuo (Sujeito 11).*

Neste excerto, também se ressalta a tensão que o professor podem vivenciar com relação às atividades burocráticas. Em seu discurso, o autor foi muito hábil em inserir processos existenciais (ter) com atributos relacionados ao mundo do ser, com o intuito de trazer o professor à consciência de seu papel como profissional da educação.

Para finalizar, neste último excerto analisado, temos um discurso que entrelaça processos materiais e relacionais em direta conexão com o contexto cultural da Educação profissional, a saber:

“Será que serei um bom professor? ” Bem, essa não é uma pergunta fácil de responder. Muito mais do que gostar da sua carreira como docente, acredito que em primeiro lugar, você deve se esforçar para ser um bom profissional, cumprir com suas obrigações e acima de tudo ser reconhecido por isso. Não só profissionalmente, mas financeiramente também. Afinal, ninguém sobrevive de amor, correto? Você, enquanto profissional, precisa buscar cursos de formação continuada ou especializações, dedicado à sua formação enquanto docente. É sua obrigação buscar entender as práticas profissionais e a educação com um único objetivo: entregar o melhor ensino possível aos futuros profissionais que buscam na formação técnica e tecnológica uma oportunidade de qualificação para o mercado de trabalho (Sujeito 9)

Em seu texto, o autor deixa claro o discurso que preconiza a ligação do mundo do trabalho ao mundo da educação no âmbito da educação profissional, como exemplos temos os processos materiais (esforçar, buscar, entregar) atrelados ao verbo modal (precisar) e ao substantivo (obrigação). Todavia, inclui os mundos do sentir e do ser ao utilizar processos mentais (gostar) e existenciais (ser reconhecido, ser bem remunerado). Sobre este discurso, mais uma vez podemos dizer como a for-

mação do professor requer saberes plurais, e de acordo com Peterossi e Menino (2017) “tanto o ensino técnico como seus professores têm especificidades que os diferenciam do conjunto do ensino regular universal e obrigatório”.

Nosso objetivo foi o de analisar o discurso de mestrandos quanto à contextualização, reflexão e fundamentação sobre formação de professores para a educação profissional e tecnológica. Conforme foi apontado no texto, os pressupostos teóricos da ACD definem discurso como um modo de ação social e ao produzir discurso, num contexto social específico, os mestrandos construíram significações da sua própria identidade docente que pode ser mantida, alterada ou reproduzida.

Tendo fundamentado seus dizeres em autores da área educacional estudados durante a disciplina, os mestrandos fizeram intenso uso da interdiscursividade.

Sob o viés da Linguística sistêmico-funcional, o estudo revelou que a prática discursiva em foco se faz, notadamente, por meio da recorrência a um grande número de processos materiais, fato que demonstra como os mestrandos tem um forte envolvimento com o eixo do fazer na construção identitária do formador. Não menos relevantes se fazem os processos mentais que nos revelam quais crenças, valores e desejos estão representados nos discursos dos mestrandos.

Por meio da transitividade, pôde-se averiguar neste estudo que as representações construídas pelos participantes destacam a relação entre seus desejos, sua agência e as possibilidades que o contexto da educação profissional circunscreve.

Finalizo estabelecendo que, o quadro da discussão apresentado implica considerar tanto fatores estruturais da formação do formador para a educação profissional quanto fatores pessoais que se conectam à agência, desejos e propósitos que motivam os profissionais. Nesse sentido, também este estudo precisa ser compreendido tanto como contribuinte para uma rede de práticas quanto como contestação dessas práticas, instanciadas em relatos de experiências voltadas ao desenvolvimento profissional docente entre professores da educação profissional.

REFERÊNCIAS

ALLAIN, O; GRUBER, C; WOLLINGER, P.R. O que avaliar em Educação Profissional? Princípios epistemológicos da formação de trabalhadores In: **Avaliação da Educação Profissional e Tecnológica: um campo em construção**. INEP, 2020 p.33-62.

CALDAS-COULTHARD, C. R. Considerações sobre análise crítica do discurso, extensões pedagógicas e representações de gênero. In: MATEUS, E.; OLIVEIRA, N.B. (Org.) **Estudos Críticos da Linguagem e Formação de professores/as de Línguas: contribuições teórico-Metodológicas**. Campinas, Pontes, 2014. Cap. 4, p.99-119.

CAMPOS G. A. Pesquisa na formação inicial de professores de LI: Representações e identificações. In: MATEUS, E.; OLIVEIRA, N.B. (Org.) **Estudos Críticos da Linguagem e Formação de professores/as de Línguas: contribuições teórico-Metodológicas**. Campinas, Pontes, 2014. Cap. 9, p.215-237.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge, UJK: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power** 2.ed. Londres: Pearson, 2001.

GATTI, B.A, BARRETTO, E.S., ANDRÉ, M.E.D.A., ALMEIDA, P.C.A. **Professores do Brasil: Novos Cenários de Formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

GATTI, B.; A., BARRETO, E. S. S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO. Representações do Brasil. Set/2009. Disponível em <https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/>

[uploads/2019/04/Professores-do-Brasil-impasses-e-desafios.pdf](#) .

Acesso em 25 maio 2023.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Language, Context and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective**. Deakin University Press, Geelong, 1985.

HALLIDAY, M.K.A. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.K.A; MATTHIESSEN, C. **An Introduction to Functional Grammar**. New York: Oxford press, 2004.

MEIRIEU, P. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 96 p.

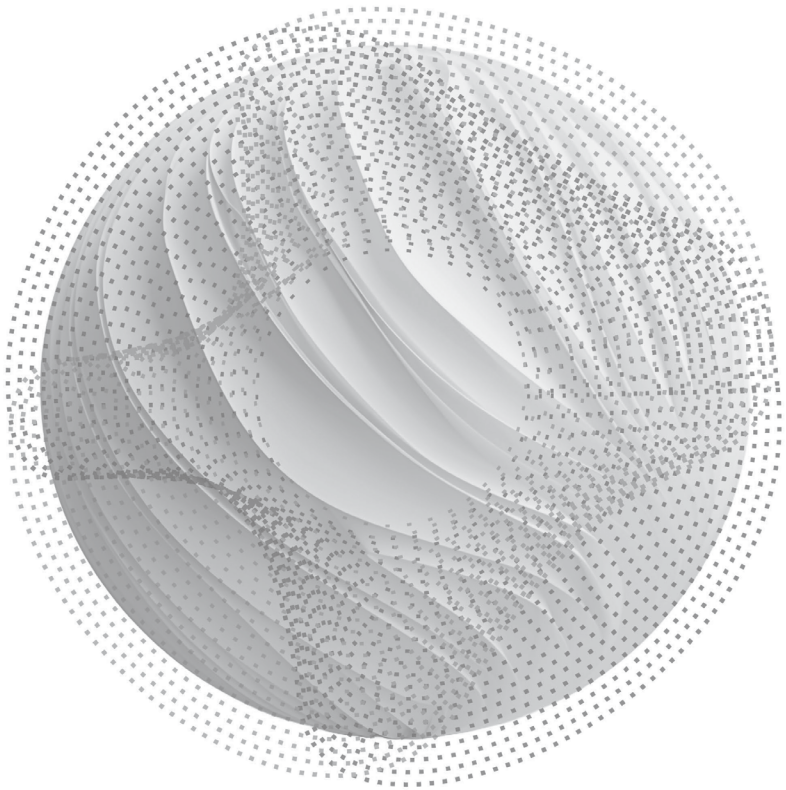
MELO, I. F. Análise do Discurso e Análise crítica do discurso: Desdobramentos e intersecções. **Letra Magna**, n.11, ago. Dez 2009. disponível em: https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Melo_ADeACD.pdf acesso em: 20 mai.2023.

MEURER, J.L; DELLAGNELO, K.A. **Análise do Discurso**., UFSC, Florianópolis, 2008 disponível em: < https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/analiseDoDiscurso/assets/495/Texto_base_AnalisadoDiscurso.pdf > acesso em:22 mai.2023

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. 4ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

ZABALA, A. **A Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



Capítulo 3 – Práticas na Educação Profissional

Denise Maria Martins

“Uma abordagem centrada na pessoa baseia-se na premissa de que o ser humano é basicamente um organismo digno de confiança, capaz de avaliar a situação externa e interna, compreendendo a si mesmo no seu contexto, fazendo escolhas construtivas quanto aos próximos passos na vida e agindo a partir dessas escolhas.”

(Carl Rogers)

Neste capítulo são abordados os métodos inseridos na concepção das práticas educativas sob a lente teórica de Zabala (1998), onde o ‘saber fazer’ é o princípio educativo. buscando apresentar alguns conceitos dessas práticas com os saberes docentes e a inserção das tecnológicas digitais como componentes educacionais.

Perspectivas teóricas

A prática educativa é entendida como “um fenômeno social e universal, no qual cabem tarefas ao professor de assegu-

rar aos alunos um sólido domínio de conhecimentos e habilidades, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo” (Gregório *et al.*, 2010, p. 1), enquanto a prática pedagógica associa conceitos de pedagogia, ensino e instrução, sendo um fio condutor da prática educativa, com a definição de recursos metodológicos e organizativos. A interação da pedagogia na prática educativa, é evidenciada na ação consciente, intencional e planejada do professor no processo de formação humana (Libâneo, 2010).

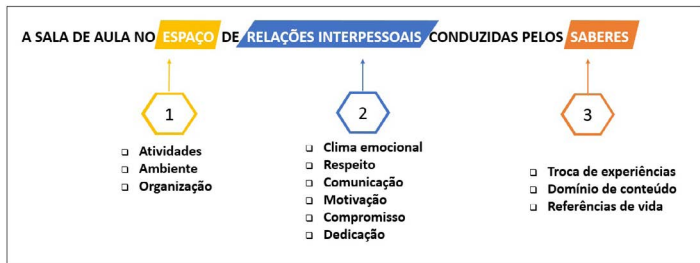
Na visão de De Crusoé, Moreira e Pina (2014), a prática educativa, pode ser entendida como uma ação social dotada de sentidos construídos na relação indivíduo/sociedade, com valores, crenças e atitudes, traçada no diálogo entre saberes compartilhados pelas pessoas envolvidas e na interação social. Dessa forma, a prática educativa, como processo cognitivo, facilita a participação social, constrói identidades, sensação de pertencimento, moldando o fazer e o ser, contribuindo na compreensão do que se faz (Gherardi, 1998).

Na formação Profissional e Tecnológica, segundo Frigotto (2001), a intencionalidade na formação do futuro profissional é o desenvolvimento consciente do seu papel na sociedade, na vida, no trabalho, a busca da formação em uma atividade produtiva, são componentes importantes na formação do sujeito em sua totalidade. A prática na Educação Profissional e Tecnológica “constrói e fortalece a cidadania com base na autonomia, no protagonismo identitário, na participação social

e no respeito à diversidade e à diferença, favorecendo a emancipação do sujeito” (Assunção, Nunes, Oliveira, 2021, p. 26).

No processo de construção de saberes, na visão de Zabala (1998), o aluno deve se apropriar do seu processo de aprendizagem, e o professor por sua vez apresentar os objetivos de cada atividade proposta, os recursos e meios na realização das atividades e os critérios de avaliação no desenvolvimento de todo processo. Segundo Tardif (2010), o professor constrói suas diretrizes de condução das atividades docentes por meio das relações mediadas pelo trabalho escolar e o ambiente da sala de aula.

Figura 1 – Fatores na construção de saberes na sala de aula



Fonte: Peterossi (2022)

Conforme Peterossi (2022)², na visão-histórico-cultural, a construção dos saberes em sala de aula ocorre num contexto, por meio de práticas sociais historicamente desenvolvidas, que promovem a recontextualização dos sujeitos a partir dessas rotinas compartilhadas.

2 PETEROSSO, H.G. Pesquisa sobre fundamentos e práticas de metodologias ativas de aprendizagem. Aula ministrada em 16/11/2022, material não publicado, 2022.

Para Antonello e Godoy (2010, p. 316) “a lógica da prática não traça distinção entre conteúdo e objeto; ao invés disto, envolve o saber como ser competente num ambiente”. E, segundo Zabala (1998), a prática pedagógica deve ser realizada por meio de normas institucionais, organizacionais e metodológicas, inseridas em um meio e conforme as condições físicas existentes.

Uma aula se torna uma prática pedagógica quando está organizada em torno desses componentes (Franco, 2016):

- ‡ Intencionalidade;
- ‡ Práticas direcionadas às intencionalidades;
- ‡ Reflexão contínua para avaliar se a intencionalidade está abrangendo todos os envolvidos; e
- ‡ Acertos contínuos dos meios para alcançar os fins estabelecidos na intencionalidade.

As práticas na formação dos saberes nos remetem a modelos, recursos e perspectivas sociais e históricas, onde a escolha de determinada teoria proposta ou a abordagem, guia a intencionalidade da prática pedagógica (Mizukami, 2014), conforme indica quadro 1.

Quadro 1 – Abordagem, teoria e práticas

Abordagem	Lentes Teóricas	Processo ensino-aprendizagem	Práticas Pedagógicas
Tradicional	Snyders, Durkheim e Alain	<i>Local:</i> sala de aula. <i>Conteúdo:</i> externo ao aluno, de seleção centrada no professor.	Aula expositiva "dar lição e tomar a lição"
Comportamentalista	Skinner	<i>Local:</i> Sala de aula, laboratórios de informática, entre outros. <i>Conteúdo:</i> estruturado em currículo.	Uso de tecnologias educacionais, ensino individualizado baseado em competências
Humanista	Rogers e Neil	<i>Local:</i> Escola como ambiente favorável à autonomia do aluno. <i>Conteúdo:</i> não diretivo.	Relação pedagógica favorável ao desenvolvimento de pessoas. A transmissão de conteúdo é secundária.
Cognitivista	Piaget e Bruner	<i>Local:</i> escola construtivista. <i>Conteúdo:</i> Diretivo.	Ensino baseado em problemas, fundado na teoria do conhecimento e desenvolvimento humano
Sociocultural	Paulo Freire	<i>Local:</i> contexto em que o aluno esteja inserido, dentro das práticas culturais dos grupos. <i>Conteúdo:</i> direcionado para a realidade do aluno.	Ensino baseado na práxis para a superação da relação opressor-oprimido.

Fonte: adaptação de Mizukami (2014)

Os diferentes tipos de conteúdo necessitam de uma adequação, tendo em vista que cada aluno é um ser individual, com características próprias e com formas diferentes de aprender um mesmo conteúdo (Jesus, *et al*, 2021).

Segundo Gherardi (2001), a prática na aprendizagem fortalece os vínculos de relações sociais entre os indivíduos engajados nessa prática, realizado coletivamente pelo intercâmbio de experiências, conhecimentos e significados, conectando o “saber” e o “fazer” e o compartilhamento de conhecimentos profissionais.

Um formador dialogante, crítico e reflexivo com consciência das intencionalidades, pode direcionar o processo de aprendizagem em uma prática em sala de aula, e esse movimento nada mais é que do que a apropriação de si mesmo (Imbert, 2003; Antonello, Godoy, 2010), ou seja, uma prática docente se transforma em prática pedagógica.

Nessa transformação das práticas, os recursos tecnológicos e os meios digitais de comunicação contribuem na transformação desse espaço em ações de pesquisa, comunicação e interação, permitindo ao aluno a transposição entre o “saber” e o “fazer” independente de seu contexto social. O uso dessas tecnologias qualifica o fazer pedagógico, podendo ser entendida como forma de promover a socialização, a mediação e contribuir no desenvolvimento intelectual.

Saberes Docentes e suas práticas

O aluno como protagonista da aprendizagem, isto é, sendo “o fio condutor do processo de aprendizagem, busca desenvolver suas capacidades, interesses e motivações, criando

vínculos essenciais e não-arbitrários entre novos conteúdos e os conhecimentos prévios” (Zabala, 1998, p. 38). Dessa forma, é relevante considerar a diversidade de alunos em sala de aula no direcionamento de diferentes práticas.

O professor é um profissional do ensino e, de acordo com Gatti *et al* (2019), seu trabalho pressupõe a construção de ambiências de aprendizagem, além de formar valores, atitudes para relações interpessoais necessárias à vida em sociedade de forma digna. Segundo Gatti *et al* (2019), as evidentes iniciativas para a formação inicial e contínua do docente, além da consideração de todas as características que integram seu exercício profissional são tão importantes para a construção da valorização desse trabalho, quanto à discussão sobre o valor da profissão no âmbito da sociedade.

A experiência se adquire e de acordo com Sacristán (2003), é a prática ou a vivência da pessoa por si mesma, embora seja provocada por outros ou necessite de ajuda. É a experiência e a própria forma de se relacionar com o mundo, que se atua sobre ele e recebem-se seus efeitos.

Zabala (1998) afirma que os fins, ou os objetivos ou as intenções educacionais constituem o ponto de partida essencial que vai determinar e justificar, além de dar sentido à intervenção pedagógica. O professor, ao se formar professor, forma também sua identidade de pertencimento, o que o faz tornar-se cada vez mais professor. Segundo Rose, “o trabalho pode fazer que alguém se sinta parte de alguma coisa maior do que ele próprio [...] e pode contribuir para um sentido de autoidentidade” (Rose, 2007, p. 41).

O saber do professor em seu trabalho, segundo Tardif (2014), inicia-se com um questionamento sobre o saber-fazer docente. Para algumas análises sobre a modificabilidade do sujeito, a partir de sua profissão, ou trabalho são pertinentes e relevantes.

Na atividade docente, o professor busca a competência em seu ofício. Para Zabala, a competência no ofício “se consegue [...] mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las” (Zabala, 1998, p. 13). E, de acordo com Tardif (2014), quando um professor é interrogado sobre os seus saberes e a sua relação com os saberes, suas respostas se voltam para categorias que se definem na prática docente e em experiências.

De acordo com Zabala (1998), a melhoria da atividade profissional do professor, como a de todas as outras profissões, passa pela análise que o próprio professor faz de sua prática e da comparação com outras práticas. Há atividades profissionais em que existem conhecimentos e saberes relativamente confiáveis, comparáveis empiricamente e, mais ou menos, aceitos pela comunidade profissional, que lhes possibilitem atuar com segurança.

Mas para os professores seria o mesmo? Esses dispõem de referenciais teóricos validados na prática? Saberes que poderiam descrever ou explicar, que ajudassem a compreender os processos que se produzem na prática? Segundo Zabala (1998), na educação, como em qualquer campo de muita não existem marcos teóricos tão precisos comparados empiricamente, como em muitas outras profissões.

Em um processo de formação docente, refletir sobre o próprio processo de ensino faz parte de um percurso de formação e de autoformação docentes. E essas atitudes são indissociáveis dos saberes da experiência. As experiências de vida dos professores imprimem mais força aos conhecimentos, quando transcendem o cotidiano escolar, quanto este se transforma em dispositivo de construção de poderes políticos que se configuram no trabalho e (re)configuram continuamente sua cultura profissional (Fartes; Santos, 2011).

Segundo Nóvoa (2002), durante o processo de formação docente, caracterizam-se três grupos de competências que são fundamentais para a prática profissional: saber relacionar e saber relacionar-se; saber organizar e saber organizar-se; e, por fim, saber analisar e saber analisar-se. Assim refletir sobre a própria prática faz parte de um processo de formação.

Portanto, faz parte da formação docente o preparo para que este pense e reflita sobre o seu ensino, de modo que se requer desse processo de formação um trabalho com concepções e premissas que guiem as ações do futuro docente que, por sua vez, possa recorrer a uma base de conhecimento para as suas escolhas e ações didáticas. Segundo Gatti *et al* (2019), nas práticas educativas dos formadores confirma-se que os processos formativos não devem se voltar apenas ao treinamento de professores para que estes aprendam somente a seguir manuais.

Em um processo de formação, o professor deve adquirir a consciência de suas teorias, saberes e crenças, a fim de que possa refletir e ressignificar conceitos, proposições e princí-

pios, no que se refere às diferentes fontes de conhecimento que fazem parte da base da profissão docente.

Tecnologias digitais e componentes educacionais

Na visão de Dewey (1929), os ambientes de aprendizagem não devem ser restritivos a um espaço e lugar, mas deve se integrar ao mundo social onde a localização topográfica é apenas um dos componentes a ser considerado.

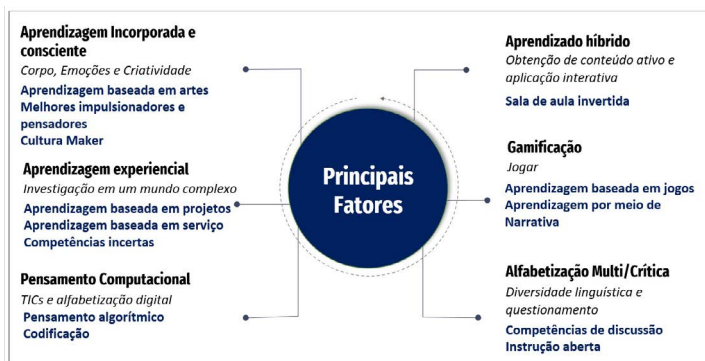
A sala de aula contemporânea passa a ser “uma geografia imaginada e em expansão” (Leander, Phillips, Taylor, 2010, p.330), entendendo esse espaço e lugar como uma rede, uma trajetória, e que envolvem e compreendem multiplicidades de experiências.

O espaço, lugar, as práticas pedagógicas e a aprendizagem são componentes educacionais interconectados e relacionais, podendo gerar aprendizado em duas realidades: na construção de novos conhecimentos ou no compartilhamento do conhecimento existente, onde as “oportunidades de aprendizado são abertas e cocriadas à medida que os lugares são encontrados nos mundos real e virtual” (Parsons, Inkila, Lynchi, 2019, p. 146).

Na concepção de sala de aula aberta, com espaço virtual ou real, localização dinâmica e sem fronteiras, os recursos tecnológicos são componentes que integram essa nova realidade, impactando o processo de aprendizagem dos alu-

nos, desde que conduzidos por professores alfabetizados digitalmente e que entendam como integrá-los nos currículos.

Figura 2 – Práticas Pedagógicas



Fonte: Adaptado de Peterson et al. (2018)

A figura 2 indica as práticas pedagógicas que influenciam a aprendizagem, no entanto, a integração das ferramentas como pensamento computacional e gamificação, bem como, a inserção e consolidação da tecnologia digital com recursos de boas práticas educacionais, atualmente é um desafio enfrentado nos sistemas educacionais. Segundo Oliveira, Mello e Franco (2020, p.76):

[...] as tecnologias digitais por suas potencialidades de comunicação, interação, interatividade, hipertexto, simulação, convergência, mobilidade e ubiquidade, se inseridas em uma organização didática, podem contribuir com o desenvolvimento cognitivo dos alunos e a aprendizagem de conteúdos científicos.

A concepção de sala de aula aberta acaba vindo para contribuir no uso de tecnologias digitais, estabelecendo outras formas de comunicação, interação, socialização e transmissão de símbolo (Fantin, Rivoltella, 2012). Nesse sentido Zappa (2012) elaborou um infográfico que apresenta uma série de tecnologias emergentes, que podem influenciar a educação nas próximas décadas, apresentado na figura 3.

Figura 3 – O Futuro das Tecnologias na Educação



Fonte: Zappa (2013) adaptação e tradução Porvir (2013)

A figura 3, uma linha do tempo de 2012 a 2040, prevista em três espaços distintos de aprendizagem: sala de aula (tradicional), oficina e ambiente virtual (espaço de aprendizagem, não importando a presença física ou a localização geográfica dos envolvidos). Os seis temas centrais são:

1) tecnologia é fixa no laboratório ou na sala de aula; 2) utilização universal e móvel da tecnologia; 3) alunos livres para colaborar com pares de todos mundo; 4) salas de aula físicas tendem a ser substituídas por oficinas ou ambientes virtuais; 5) avaliação tradicional é substituída por análise de desempenho por projetos e portfólios; 6) educação como esforço contínuo e interligado, que permite lidar com o mundo em constante mudança.

Diante do exposto, é necessário integrar o preparo instrumental e a prática acerca das tecnologias na educação, para mobilizar saberes e reflexões quanto a suas contribuições no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, CS; GODOY, AS A encruzilhada da aprendizagem organizacional: uma visão multiparadigmática. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 2, art. 7, pág. 310-332, 2010.

ASSUNCAO, A. M. S. A.; NUNES, S. K. S.; OLIVEIRA, M. A. **Aproximação conceitual entre as bases da educação profissional e tecnológica e as práticas pedagógicas**. In: Tavares, Andrezza Maria Batista do Nascimento; Santos, Fabio Alexandre Araújo dos. (Org.). *Práticas Educativas Integradoras na Educação Profissional Tecnológica*. 1ed.Natal: Famen, 2021, p. 14-40.

DE CASTRO CRUSOÉ, N. M. .; MOREIRA, N. R. .; DANTAS PINA, M. C.. Definições de prática educativa em diferentes perspectivas socioeducacionais. *Linguagens, Educação e Sociedade*, [S. l.], n. 31, p. 46-63, 2014. Disponível em <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedu-soc/article/view/1301>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

DEWEY, John. **My Pedagogic Creed**. In: *Journal of the National Education Association*, Vol. 18, n. 9, pp. 291 – 295, December, 1929.

FANTIN, Mônica, RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas, São Paulo: Papi-rus, 2012.

FARTES, V.; SANTOS, A. P. Q. O. Saberes, Identidades, Autonomia na cultura docente da Educação Profissional e Tecnológica. In: **Cadernos de Pesquisa**. V. 41, nº 143, p. 376-401, maio/ago 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000200004>

FRANCO, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, Dec. 2016.

FRIGOTTO, G. A. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 19, n.1, p.71-87, jan/jun, 2001.

GATTI, B.A, BARRETTO, E.S., ANDRÉ, M.E.D.A., ALMEIDA, P.C.A. **Professores do Brasil: Novos Cenários de Formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D.; ODELLA, F. Toward a Social Understanding of How People Learn in Organizations: the notion of situated curriculum. **Management Learning**, v. 29, n. 3, 1998.

GHERARDI, S. From organizational learning to practice-based knowing. **Human Relations**, v. 54, n. 1, p. 131-139, 2001.

IMBERT, Francis. **Para uma práxis pedagógica**. Brasília: Plano Editora, 2003.

JESUS, J. Áureo S. de; LEITE, B. P. S.; FERREIRA, I. dos S.; BATISTA, J. P. F.; ALMEIDA, L. B. ; PEREIRA, C. L. The knowledge necessary for educational and evaluation practice in school physical education. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 16, p. e241101623552, 2021. Disponível em < <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23552>>. Acesso em: 24 aug. 2023.

LEANDER, Kevin M.; PHILLIPS, Nathan C.; TAYLOR, Katherine Headrick. The changing social spaces of learning: Mapping new mobilities. **Review of research in education**, v. 34, n. 1, p. 329-394, 2010.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar – Políticas, Estrutura e Organização**. 9ª ed. São Paulo. Cortez, 2010.

MEIRIEU, P. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 96 p.

MIZUKAMI, M. G. N. **Formadores de professores e educação a distância: algumas aprendizagens**. In: REALI, A. M. M. R.; MILL, D. Educação a distância e tecnologias digitais. Reflexões sobre sujeitos, saberes, contextos e processos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

NÓVOA, A. Formação de professores e trabalho pedagógico. Lisboa: **Educa**, 2002. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3703>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

OLIVEIRA, A.X., MELLO, D.E., FRANCO, S.A.P. Práticas de ensino com o uso de tecnologias digitais: o papel da formação docente. **Revista Teias**, v. 21, n. 60, jan./mar. 2020.

PARSONS, D.; INKILA, M.; LYNCH, J. Navigating learning worlds: Using digital tools to learn in physical and virtual spaces. **Australasian Journal of Educational Technology**, v. 35, n. 4, 2019.

PETEROSI, H.G.; MENINO, S.E. **A Formação do Formador**. São Paulo: CEETEPS, 2017.

PETERSON, A.; DUMONT, H.; LAFUENTE, M.; LAW, N. Understanding innovative pedagogies: Key themes to analyse new approaches to teaching and learning, **OECD Education Working Papers**, No. 172, OECD Publishing, Paris, 2018.

RAMOS, M. N. A Educação profissional pela pedagogia das competências e a superfície dos documentos oficiais. In: **Revista Educação e So-**

cidade. Campinas, vol. 23, n. 80, setembro de 2002, p. 401-422. Disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 24/08/2022.

ROSE, M. **O saber no trabalho** – valorização da inteligência do trabalho. 1ª edição. São Paulo: Editora Senac, 2007.

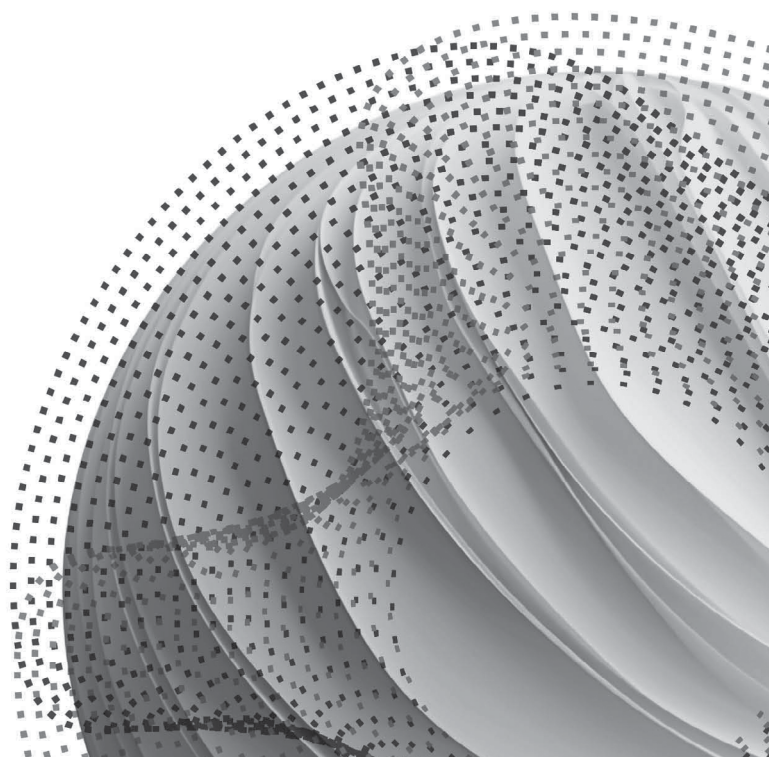
SACRISTÁN, J. G. **O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizada.** In: GARCIA, Regina Leite; BARBOSA, Flavio Moreira. Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafio. São Paulo: Cortez, 2003.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 10 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2014.

ZABALA, A. **A Prática Educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Art-Med, 1998.

PORVIR. **Previendo o futuro da educação e da tecnologia.** Jan.2013. Disponível em < <https://porvir.org/prevendo-futuro-da-educacao-da-tecnologia/>>. Acesso em: 24 de agosto de 2023.



Capítulo 4 – Ensaaios Experienciais: um estudo discursivo das “Cartas a um aspirante à docência”

Rosália Maria Netto Prados

“Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É neste sentido, pois, que escrever me é uma necessidade. De um lado, porque escrever é um modo de não mentir o sentimento (a transfiguração involuntária da imaginação é apenas um modo de chegar); de outro lado, escrevo pela incapacidade de entender, sem ser através do processo de escrever”.

(Clarice Lispector)

A partir de *Ensaaios Experienciais*, produções escritas (cartas) pelos alunos do programa de pós-graduação, apresentadas na sequência desta parte, propõe-se uma análise discursiva do formador, de acordo com uma produção textual, “carta a um aspirante à docência”, desenvolvida na disciplina, com argumentação teórica discutida em sala de aula. Essa atividade foi complementar à leitura da obra de Philippe Meirieu, *Carta a um jovem professor* (Meirieu, 2006).

Essa proposta de atividade teve como objetivos, proporcionar aos alunos bases para contextualização e fundamentação sobre formação de formadores da educação profissional e tecnológica; e reconhecer os desafios e limites que se apresentam para o trabalho docente.

Para a análise dessa atividade de produção textual, foram considerados conceitos teóricos sobre formação docente, ensino e educação profissional, além das bases da Semiótica discursiva, teoria da linguagem que propõe uma metodologia de análise textual e discursiva. Neste processo de análise e de discussão, a abordagem desta pesquisa foi qualitativa, além de ter sido pertinente, também, considerar o entendimento dos alunos do curso, que são professores e profissionais que atuam em educação profissional, sobre formação docente no decorrer do desenvolvimento das atividades.

A apresentação dessa atividade foi observada por quatro professores do programa de mestrado e analisada, segundo conteúdo da base teórica trabalhada nas temáticas das aulas e levantadas as categorias: *trabalho docente* em educação profissional; *desafios* ao professor; e *representações* docentes, a partir da leitura da produção textual dos alunos (cartas).

Considera-se, nesta discussão, a ideia de que todo discurso é um *processo de produção de sentido, que é gerado a partir de* falares produzidos, por um determinado locutor em uma determinada época, e com a finalidade de se criar certos sentidos, para se atingir a determinados interlocutores. Todo discurso reflete uma ideologia, isto é, uma forma particular de ver e pensar o mundo (Prados; Bonini, 2017).

Bakhtin (1990) considera que nenhum discurso é original. Para esse estudioso, toda palavra é uma resposta à palavra de um outro e todo discurso reflete outros discursos. Nesse sentido é que se situa o caráter dialógico da linguagem e as várias possibilidades de criação e recriação.

Tome-se, também, a ideia de que todo discurso pode ser inserido, ou citado, em novos discursos e pode formar uma classe de textos, ou um corpus textual de uma cultura. Desse modo, pode-se afirmar, com base em Bakhtin (1990), que todo discurso é parte de uma história de discursos, de modo a se caracterizarem, assim, a interdiscursividade ou ideologia, e a intertextualidade.

O discurso pode ser estudado como uma capacidade humana de comunicação e como um processo de construção do ‘saber social’, ou saber compartilhado. Essa concepção de discurso é o objeto de pesquisa da Semiótica discursiva, decorrente da teoria da linguagem, em que se concebe a língua como uma instituição social. De acordo com essa perspectiva, portanto, essa ciência não trata apenas do estudo do signo, mas da significação em contexto, que nesse caso é visto como um processo de produção de significação, de produção de informação, de produção e sustentação de ideologia (Pais, 2007).

De acordo com a Semiótica discursiva, segundo Greimas (2001), pressupõe-se, assim, patamares ou etapas no processo de produção do discurso que, por sua vez, é subjacente a um texto qualquer. A tendência teórica de análise do discurso, proposta por Greimas (2001), baseia-se na desconstrução das estruturas discursivas. De acordo com essa metodologia

greimasiana, a existência das “coisas” somente faz sentido, por meio da produção de um discurso que lhes atribui significados, ou seja, é o discurso que produz o sentido. Segundo essa visão, a estrutura de ação é a narrativa, que é subjacente a uma estrutura superficial, ou a da discursividade, em que se caracterizam as relações de pessoa, espaço, tempo, temas e figuras, presentes mesmo em linguagens não-verbais, como a arquitetura, as artes visuais, plásticas etc. Ainda, pode-se analisar, no discurso, uma etapa fundamental semântica profunda, em que se caracterizam sistemas de valores ou ideologia. As marcas da enunciação, portanto, manifestam-se num texto ou enunciado, seja ele verbal ou não-verbal.

Os Ensaios Experienciais

Os ensaios experienciais são o *corpus* desta análise discursiva e é constituído por onze (11) cartas produzidas pelos mestrandos/alunos, transcritas a seguir:

Carta 1

Prezado colega,

Seja bem-vindo ao nosso universo da educação! A partir de hoje você faz parte da educação profissional, modelo de aprendizagem onde o foco está no desenvolvimento de competências e habilidades, os quais objetivam suprir a demanda do mercado de trabalho.

Inicialmente, posso lhe afirmar que o exercício da docência está atrelado a três pilares: saberes da experiência, saberes do conhecimento e saberes pedagógicos. É imprescindível a junção e aplicação na prática dos respectivos pilares para que a aprendizagem dos discentes seja desenvolvida com maestria. (Tardif, 1999; 2002). Tardif (2005) comenta que ensinar provém da história de vida dos professores e do seu desenvolvimento durante toda sua carreira profissional, dando destaque aos saberes da experiência. Para aperfeiçoar a prática de lecionar, você, docente atuante na educação profissional, deve estar na constante busca da formação continuada, qual é fundamental para possibilitar evolução em suas práticas pedagógicas e fornecer o apoio necessário aos discentes na construção do conhecimento.

Também é importante colega professor que você seja empático, colocando-se sempre no lugar do nosso aluno e entendendo o que causa dúvidas ou dificuldades. É de extrema importância que você seja paciente e saiba quando passar para um novo conteúdo, observando sempre o nível de compreensão da classe. Saber respeitar os nossos alunos e seus diferentes ritmos de aprendizagem se faz necessário, bem como acompanhar individualmente os mesmos e os avaliar com instrumentos diversificados para efetivar a aprendizagem.

A paixão do professor por seu papel é primordial para despertar motivação e o interesse dos nossos alunos por novos conhecimentos. Você, professor, deve manter um

bom humor e um bom relacionamento com os alunos, mas também deve exercer autoridade quando necessário, promovendo a ordem e o respeito a todos. Devido às mudanças tecnológicas dos últimos tempos, a forma como os nossos alunos têm se comportado nos ambientes escolares se modificou. Os alunos estão “hiperconectados”, com acesso à informação por meio das tecnologias portáteis, dos quais fazem uso diário e constante. Devido à essas mudanças, tornou-se um grande desafio para os educadores desenvolverem estratégias de ensino que atraiam a atenção dos discentes. Zabala incentiva o uso de metodologias ativas, qual possibilita o protagonismo do aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, recomendo a você nesse processo inicial na docência a leitura do livro de Philippe Meirieu “cartas a um jovem professor”. O mesmo estimula o professor leitor a refletir sobre as suas práticas pedagógicas, gerar autoconfiança e a construir um profissional que se adapte às necessidades da sociedade para enfrentar desafios e/ou experiências de sua prática profissional. Philippe Meirieu acredita que contribuirá com a sua obra auxiliar o jovem professor a se munir de um “kit de sobrevivência” para lidar com questões pedagógicas.

Estou à disposição para compartilhar experiências e conhecimentos.

Cordialmente,

Sujeito 1

Carta 2

07 de dezembro de 2022.

Caro colega,

Cara colega,

Assim que soube do seu início na jornada como professor, não hesitei em te escrever. Que passo importante “tomaste”! Quero registrar, desde o início de sua escolha, os meus mais sinceros votos de sucesso, coragem e força para seguir nesta brilhante carreira. Tornar-se professor é escolher como ofício lecionar, mediar, facilitar, encorajar, inspirar, EDUCAR (e bota ‘etc’ numa função cheia de funções!) é um ato de coragem, amor e resistência. Por isso, fica aqui o meu mais profundo parabéns a todos que optaram em fazer da sala de aula o principal caminho da sua caminhada profissional. Com você, não seria diferente! A sala de aula é um lugar de desafios, mas como uma boa comunicação e diálogo, com você mesmo, seus colegas e, principalmente, seus alunos, os desafios dão lugares às oportunidades e, com certeza, será uma experiência transformadora. Comecei a ser professor em 2009, mas sinto que minha carreira como docente começou muito antes, quando era estudante no ensino fundamental e já gostava de ajudar e receber apoio dos meus colegas na escola; quando “me ensinava” e reforçava os conteúdos da escola em frente ao espelho antes das provas e quando

adorava apresentar seminário na escola. Tenho trabalhado na área da educação há mais de 15 anos. Acredito que eu possa contribuir um pouco nesse seu início de trajetória profissional. Neste ano, também, eu comecei a participar do programa de mestrado profissional do Centro Paula Souza e estou terminando a disciplina Formação do Formador, com a professora Helena e os professores Rodrigo, Rosália e Denise. Gostaria muito de compartilhar com você as reflexões que tivemos. Foi um ano incrível, único e repleto de aprendizado. Talvez, minhas palavras possam ser úteis para fazer da sua caminhada ainda mais significativa. Vou listar abaixo 6 dicas que acredito serem importantes para você. Vamos lá!

Dica 1: a complexidade da educação está na interação e comunicação entre as pessoas!

Creio que será comum você ter altos e baixos na carreira e muitas vezes se questionar se está no caminho certo. Tem momentos que lecionar parece algo simples e tangível. Afinal, a educação tem como base disciplinas clássicas que estão sendo estudadas há muitos e muitos anos, como, por exemplo, a filosofia, a psicologia, a sociologia etc. Na maioria das escolas, há métodos a serem seguidos pré-determinados, livros didáticos já desenhados e testados. Na internet, será fácil encontrar muitas ideias de atividades e conteúdo para o seu plano de ensino. Tem dias que as aulas que você planeja irão

acontecer com maestria. Haverá dias, entretanto, que você ocasionalmente não tenha ideia porque as coisas não tomaram o rumo que você planejou. A complexidade no ensino está diretamente ligada na complexidade do ser humano: as diferentes ideias, crenças, valores, anseios, os contextos sócio-culturais etc. A sala de aula é uma microssociedade onde temos o desafio de aproximar realidades e vivências. Sacristan, um renomado pedagogo espanhol, diz que na escola a comunicação tem o objetivo básico de decodificar realidades e, assim, gerar conhecimento e entendimento sobre as realidades que perpassam a vida de todos. E você acredita que nas primeiras aulas do semestre anterior a professor Helena disse que a educação começa na comunicação? Ela complementou, neste semestre, dizendo que a linguagem didática tem que ser cuidada! A comunicação precisa ser acomodada de acordo com o público e a situação. Para ela, a comunicação é a maior ferramenta metodológica em sala de aula. Eu concordo com ela. Minha primeira dica é essa: na educação tudo deve começar e terminar no diálogo: quando você quiser comemorar suas vitórias ou refletir sobre os erros: comunique-se! Com seus colegas, família, amigos e com todos os autores maravilhosos que por meio de suas obras dialogam tanto conosco sobre o mundo da educação. Mas lembre-se que talvez o principal e mais necessário diálogo será consigo mesmo e com seus estudantes.

Dica 2: Aprenda sempre, todos os dias, a vida toda.

É comum a gente ouvir por aí “a gente nasce e morre aprendendo”; “atualize-se sempre”; “parece que nunca sabemos nada” ... e, sim, eu acredito muito nisso, caro(a) colega! Neste semestre, por exemplo, tivemos um seminário que abordou sobre lifelong learning - conceito que, de acordo com os autores Alheit e Dausien, teve mais notoriedade a partir do contexto de uma sociedade competitiva na Europa. Mas isso não é de hoje, né? Sócrates já falava “Só sei que nada sei” e isso é uma máxima que se sustenta até hoje e não deverá ser diferente. A necessidade de constante atualização é uma questão de sobrevivência, tanto para o docente quanto para o discente. E já que a educação pode ser formal ou informal, sempre fique atento às oportunidades de aprendizado, seja em momentos singelos na sala de aula ou por meio de iniciativas mais estruturadas, como cursos, conferências, colóquios e literatura técnica. Cuide da sua carreira. Sacristán falaria para você: cuide de suas competências. Já Tardif, um pesquisador francês, provavelmente diria: cuide dos seus saberes!

Parece óbvio pensar que temos que tomar conta de nossa carreira e do nosso desenvolvimento, mas vale lembrar que os “saberes” do professor são diversos e saber (olha o trocadilho aqui rs) escolher, organizar e priorizar como você vai sistematizar a sua própria formação pode ser o principal passo para pensar no progresso de

seus estudantes. Há saberes relacionados ao conteúdo que você ensina e há saberes relacionados à forma como você ensina, ou seja, à pedagogia.

Há muitos pesquisadores e acadêmicos que estudam sobre as ciências da educação. A aproximação dos professores com os acadêmicos pode ser um fator fundamental para a evolução da educação e das práticas educativas em si, que começam na academia e se concretizam em sala de aula. Afinal, o professor é mais do que um mero transmissor de conhecimento e a produção de conhecimento que é transmitida e também gerada na sala de aula é a prova disto!

Dica 3: Nunca subestime o seu saber experiencial.

Como eu disse, tem muito conteúdo, cursos e ferramentas para nos apoiar em nossa formação. Mas tem um tipo de conhecimento que na maioria das vezes não está sistematizado e registrado em nenhuma literatura: a nossa história, a nossa vivência, a nossa instituição, nossas emoções e ... a nossa prática. E Tardif, o autor que comentei acima, fala muito sobre isso. Muito do nosso crescimento como docente é proveniente da prática da profissão. Sim, a experiência vai contar - a sua, dos seus colegas e dos estudantes. Sempre procure refletir se os aprendizados do passado fazem sentido agora, sobre o que você precisa desaprender para aprender e sempre confie nas “regras” ou nos ensinamentos “não escritos”.

Quando comecei a dar aula de Inglês, lembro que um colega meu me alertou sobre algumas das “unwritten rules”. Tardif usa o termo “macetes” - que são as técnicas que adquirimos ao longo de nossa prática e das trocas entre os colegas de ofício. Esses macetes valem ouro. Sabe aquela dica de como trazer um jogo para a sala de aula? Ou de como lidar com indisciplina de um grupo de aprendizes? Ou talvez de como lidar com uma reclamação de um pai, uma mãe, o cônjuge? Muitas vezes, temos as respostas formais e estruturadas, muitas vezes não. Os macetes podem nos salvar, acredite.

Dica 4: Crie sua identidade e ajude seus estudantes a criarem a deles.

Se por um lado, temos muitas fontes e referências para nos apoiar nas práticas pedagógicas informadas em sala de aula, como comentei acima, o processo de aprendizado nem sempre é óbvio ou linear. Os métodos de ensino e as técnicas costumam ter um passo a passo lógico. Já o processo de aprender, de manter disciplina, de acolher, de sentir, de entender as diversidades, de motivar ... nem sempre! A prática, repetição e reflexão serão constantes na sua rotina. E talvez superar essa complexidade seja a beleza de ser professor. Cada experiência que você viverá será única e será uma escolha sua como quer fazer a diferença e fazer diferente em cada vivência. Serão as suas escolhas, que podem formar a sua

identidade como docente. O professor que se tornará é o professor que você escolher ser - no dia a dia, nos altos e baixos, nos momentos de sucesso e de fracasso.

Construir sua identidade será um passo crucial para fazer com que sua profissão e seus valores mais íntimos estejam presentes nas suas aulas, de maneira verdadeira e intensa. Aulas boas, marcantes e com significado começam com professores bons, que marcam e trazem sentido aos seus estudantes, que vão passar de ano e, talvez, você nem os veja mais. Mas, com certeza, eles podem carregar um pouco da sua formação e identidade para construir a deles para sempre.

Dica 5: Entenda a identidade da escola que você trabalha. Na educação, é comum ouvirmos frases que categorizam o papel da escola como algo pasteurizado - uma das mais clássicas são as escolas que querem “mudar o mundo por meio da educação”. Temos que ter consciência de que nem toda corrente pedagógica é igual e nem toda escola atua da mesma forma. Há escolas que querem transformar a sociedade; há escolas que querem que seus “clientes” passem no vestibular; há escolas que querem manter os valores atuais e por aí vai. Há escolas ainda quem nem sabem explicar o seu propósito. O ponto aqui é você ter clareza do seu objetivo e missão e tentar, sempre que possível, trabalhar em instituições que versam com os seus valores e com o seu âmago. Sa-

bemos que o contexto do mercado de trabalho nem sempre é poético e permite que façamos as escolhas exatamente como queremos. Saiba que há sempre divergências e convergências entre os valores e crenças do corpo docente e a cultura da instituição em si. Tenha isso em mente e evite desgastes. Na dúvida, reflita sempre que possível, recorra a melhor estratégia didática, como disse a professora Helena: a comunicação.

Dica 6: Saiba quando parar . . .

Como qualquer outro processo na vida, é importante estar atento aos sinais em cada um dos ciclos do seu percurso como docente. Você deve estar pensando, a dica “saiba como parar” pode ter vários significados. E é isso mesmo! Você vai precisar ter sensibilidade para descobrir qual é o sentido desta frase em cada contexto. Como, por exemplo:

- Saiba o momento de descansar. Procure dormir bem, sempre!*
- Saiba quando parar de reclamar! Num trabalho que envolve muitas pessoas, é comum a gente ter que desabafar. . . Evite, contudo, salas de professores onde os mesmos “reclamam” demais.*
- Procure se posicionar sem menosprezar a posição do outro. Foque na solução e cuidado para não valorizar os problemas.*
- Esteja preparado para tomar uma decisão difícil na*

sua carreira: quando mudar de escola; quando aceitar uma posição nova; quando precisar rever sua grade de aulas. Nem sempre é claro e mais uma vez aqui, eu sugiro: observe, reflita e CONVERSE.

- Saiba quando você precisa curtir um pouco sua vida privada, o seu eu interior e desligar das responsabilidades do seu ofício. O professor está, nas maiorias das vezes, muito exposto e saber se recolher e se reservar é fundamental.

Poderia ficar aqui horas escrevendo, mas tenho que seguir a dica que te dei: saber parar.

Então, finalizo minha carta dizendo que acredito que só tem uma coisa que, nós docentes, não devemos parar nunca: de praticar, sentir e cantar “a beleza de ser um eterno aprendiz”, como diria Gonzaguinha.

Um forte abraço,

Sujeito 2

Carta 3

05 de dezembro de 2022.

Prezado professor,

Primeiramente, gostaria de desejar-lhe boas-vindas.

A educação é um processo em que se podem estabelecer procedimentos e técnicas pedagógicas, considerados hoje prioridade para definição de estratégias de polí-

ticas públicas para o desenvolvimento da sociedade. Conforme Zabala (1998), a prática docente, pode ser analisada por meio das suas sequências didáticas, que são “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (p. 18). No entanto, basear-se apenas na sua operacionalidade para o desenvolvimento do sistema e do indivíduo se torna ineficaz, pois sabe-se que o processo envolve informações e o meio. De acordo com Tardif (2010) os saberes docentes envolvem questões de ordem pessoal; tem abrangência social; surgem e se desenvolvem dentro de uma temporalidade; apresentam-se com características culturais e heterogêneas; e são amplamente personalizados e situados na pessoa do professor. Portanto, esses saberes provêm da história e experiência de cada docente, daí a importância de se estabelecer uma reflexão aprofundada sobre esse assunto, considerando a relevância de todos os aspectos que caracterizam o processo de ensino/aprendizagem.

Entender o real papel do docente lhe proporcionará um despertar que irá gerar energia para realizar um bom trabalho, pautado no aluno e na evolução deste, em que o professor deve atuar como facilitador e o aluno como gerador/protagonista levando-os ao crescimento pessoal e profissional. Cabe ressaltar aqui que a em-

patia, o respeito e a afetividade são aspectos relevantes importantes para o desenvolvimento de ambos. A relação professor-aluno tem sido uma das principais preocupações do contexto escolar. Nas práticas educativas, o que se observa é que, por não se dar a devida atenção à temática em questão, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar acabam por fracassar. Daí a importância de estabelecer uma reflexão aprofundada sobre esse assunto, considerando a relevância de todos os aspectos que caracterizam a escola. Ao se levar em consideração a escola como a única instituição demarcada, com a possibilidade da construção sistematizada do conhecimento pelo aluno, foi de fundamental importância a criação de algumas possibilidades e condições favoráveis, nas quais alunos e professores puderam refletir sobre sua prática e passaram a atuar num clima mais condizente com a realidade de uma escola. Isso se deu porque, quanto mais instrumentalizados se sentiam melhor acontecia o desenvolvimento das ações realizadas por esses sujeitos. Assim, pôde-se perceber que é sempre imprescindível rever alguns aspectos da realidade atual da escola, no sentido de propiciar condições favoráveis, que possibilitem o interesse de professores e alunos, para que constantemente pensem sobre essa realidade. Só dessa forma poderão conquistar o reconhecimento e a valorização de suas ações, por parte de toda a comunidade escolar.

Sendo assim, gostaria de lhe recomendar uma leitura, o livro de Philippe Meirieu, Carta a um jovem professor. Nele você encontrará lições que irão permitir refletir e repensar sobre como os professores percebem as diversas situações, com as quais se deparam ao longo de sua trajetória pessoal e profissional, além de algumas entrevistas que você encontra nos apêndices, ao meu ver ricas e cheias de descobertas.

*Fico à disposição,
Atenciosamente,
Sujeito 3*

Carta 4

*Caro, caríssimo professor,
O que você deseja para o seu futuro profissional? Sente-se pronto para ele?*

Pense sempre na sua profissão, ou seja, no ofício do educador, como um convite para reflexão e revisitação de práticas. Cuidado com as armadilhas da profissão começando pela soberba e prepotência, que muitas das vezes o coloca numa posição delicada e de afastamento do labor.

Um primeiro ponto a se analisar é o fato de que o professor é uma vítima das próprias ações, pois essa é uma profissão da qual você exerce 100% do tempo, não existe um “uniforme” de professor que você pode

pôr ou tirar, quando bem entender, pelo contrário você será lembrado o tempo inteiro, mesmo quando não está na sua rotina, de que é um professor. A forma que você fala, o jeito de explicar, o comportamento, o que você admira, enfim, muitas serão as evidências que lhe acompanharão durante a trajetória profissional e por que não, depois que parar. Não existe ex-professor!

As mazelas da profissão sempre vão existir, mas o que está ao seu alcance é que é possível transformar. De forma muito clara, estamos presos às legislações e muitas vezes ao próprio descaso que vem do governo, de gestores públicos, da mídia e até da comunidade escolar, porém é possível melhorar a sua rotina e o desenvolvimento do seu trabalho. Não se trata de algo fácil, mas o primeiro passo é permitir que seja uma análise profunda do que você faz, qual o resultado que você tem e principalmente uma palavra que é fundamental na vida do docente; propósito.

Como escreveu Gaston Mialaret, a “Situação da Educação” (capítulo da obra Ciências da Educação) destacou questões vinculadas a ciências da educação, alertando para os desafios de problemas epistemológicos que historicamente são apontados e que nesta obra foi elencada para diferentes panoramas conforme a leitura que se faz de tempo e espaço. Portanto é uma obrigação sua, caro professor, se situar no tempo e no espaço e observar o quanto você está alinhado com eles, pois o

seu tempo é o agora; ficar o tempo todo repetindo “no meu tempo”, desperta um saudosismo desnecessário e por vezes até perigoso, porque você pode insistir em elementos que talvez nem existam mais, porém você cerca com uma expectativa que não será atendida.

Você se frustrou muitas vezes por ser convidado, ou então convocado, para tais reuniões pedagógicas, mas que parecida uma literal perda de tempo, pois nada tinha de pedagógico. Cadê as trocas de experiências? Onde estão as discussões de estratégias, sequer um convidado para abrilhantar. Tudo não se passava de uma simples reunião de informes, que poderia ser resolvida de outra forma. Perda de tempo? Naquele momento sim, mas... por que você não aproveitou a presença de colegas e gestores para sugerir? A escola é um organismo vivo, depender para resolver problemas, ou então apontar para os causadores de problemas é pouco, é pequeno para o ofício. Nada se constrói sem lutas, aliás, o governo não dá nada de graça, lembre-se que vivemos o Estado Mínimo. Não é possível nos compararmos com outros países que ditam o ritmo da educação mundial. A profundidade da nossa questão é mais singular; partimos de processos históricos que refletem diretamente no nosso dia a dia. Mais de trezentos anos de escravidão (sem um processo de inserção do negro na sociedade), miscigenação descontrolada, limpeza étnica e claro, um modelo de colonização de explo-

ração. Desenvolvimento desequilibrado das nossas regiões, fome, coronelismo, voto de cabresto, síndrome do vira-lata e muitas outras circunstâncias para concluir que “você é um herói, mas sem heroísmo”. Não vá romantizar a coisa toda. São necessárias várias frentes para começar a resolver a questão da educação no Brasil. Você, portanto, pode começar resolvendo a sua questão profissional.

Primeiro esteja sempre pronto a aprender, mas naquilo que você se formou, seja “doutor”. Certa vez uma sábia professora me disse; “Ninguém ensina o que não sabe”, então conheça profundamente aquilo a que você se propôs, pois se assim não for, nenhuma estratégia irá ajudá-lo.

Crie o hábito da leitura. Leia, leia de forma incessante, jamais discuta no vazio. Não vá se colocar em situação delicada ou de exposição por desinformação. Seja humilde e acostume-se a ir atrás de informações relevantes e com fundamentação, só assim você terá a credibilidade que tantos almejam e que para o professor é de extrema importância, afinal somos formadores de opinião.

A competência que você cobra do aluno, terá de evidenciar como um exemplo a ser seguido, aliás, de forma brilhante, Jose Gimeno Sacristán discutiu a questão de educar por competências, em que ele aborda o que se entende por competência e quais são as competências primárias. Professor, em sua análise, se for preciso “voltar uma casa” para que o aluno realmente apren-

da, faça! Faça sem titubear, o domínio da linguagem, é uma competência primária, caso você encontre essa dificuldade na sala de aula, busque uma solução, proponha algo, peça ajuda, vá buscar nas estratégias consagradas um caminho.

Sobre estratégias aliás, tenha um pouco de cautela, pois algumas modas surgem conforme o problema em destaque, tipo uma fórmula mágica com a promessa de solucionar problemas dos mais diversos. Trata-se muitas vezes de “uma roupa nova num corpo velho” pois essas estratégias recebem um verniz, com o advento da tecnologia e se passa por algo extremamente novo. Um verdadeiro chamariz com o objetivo comercial, neste caso caro colega, domine a estratégias consagradas, faça uma análise de que tipo de aluno está na sua frente e aplique. Não esqueça de colher os resultados sem se enganar. Você bem sabe que uma mesma estratégia não funciona igual em todas as salas, mas, uma vez que você tem o domínio do que está fazendo, logicamente terá uma carta na manga. A sala de aula é uma aventura, mas não é para aventureiros. Não dê uma aula de acordo com o que você ganha, mas sim do tamanho do seu propósito.

Professor, a escola tem uma função social, não perca isso de vista jamais. Ela deve permitir os alunos se associarem para a realização de projetos, ela tem que estar aberta a comunidade escolar, isso agrega valor. A sensação de pertencimento, traz zelo, excelentes lem-

branças e retorno social. Um jovem com consciência de si é também o papel da escola. Ela deve ser o lugar das melhores referências, o que para muitos é a única. Note como o aluno te olha, e lembre-se disso nos momentos mais desafiadores. Você já foi um jovem cheio de sonhos, portanto colabore com o seu aluno nessa construção, mas lembre-se sempre que você é o adulto da relação e que nem tem nenhum problema em pensar/agir de forma empática, só não se esqueça de voltar para a sua posição.

O aluno deve “pensar por si mesmo” e o condutor desse caminho é você, afinal, como descreve Meirieu “somos utópicos por vocação” não abandone a luta, porque você apostou no futuro e seja um contribuinte positivo para o futuro do aluno.

Sempre se pergunte: quem sou eu nessa profissão? O que eu estou fazendo para ser um melhor profissional? Seja aquele intelectual que propõe, e não somente condene o mundo aos idiotas ou as crenças exacerbadas que levam ao invólucro numa outra dimensão. Aproxime-se do que lhe parece uma solução; compartilhe, devolva o que aprendeu, mantenha a chama acesa para que essa chama sirva de inspiração a outros. Tenha certeza, professor, que essa áurea brilhante será vista, sentida e admirada.

A escolha da profissão de professor é desafiadora, sob vários aspectos. Você tem que estar disposto a investir, e talvez não verá o retorno à altura do seu investimento,

mas olhe para dentro de si e a resposta desta escolha lá estará.

Não se perca e não perca de vista o seu propósito, afinal você é um professor!

Sujeito 4

Carta 5

Escrevo para o profissional de mercado que pensa em um dia se tornar professor do ensino técnico profissionalizante.

Caro futuro colega,

Se em algum momento de sua carreira profissional você pensou em dar aulas e você nunca estudou Pedagogia ou fez uma Licenciatura, essa carta é para você. Temos essa história em comum. Você pode sentir esse chamado como uma alternativa a sua carreira, como uma continuidade a ela após a sua aposentadoria ou como uma forma de ter uma renda maior. Saiba que encontrará colegas com as mesmas questões nos cursos técnicos. Mas também saiba, que está atendendo a um chamado maior. Tente se lembrar se algum dia brincou de escolinha na infância, você certamente era o professor. Gostava de escrever na lousa, gostava de simular lições e provas. Tente se lembrar do professor que despertou sua admiração, aquele que você imitava, aquele que você imaginava ter uma vida interessante,

cheia de livros e saber. E no trabalho, que prazer você sente em poder ajudar alguém com seus conhecimentos, compartilhá-los é uma alegria sempre. É meu caro, você não irá se tornar professor por um mero acaso da vida. Pense nisso.

Não estou tentando romantizar nada, longe de mim, mas conheço bem esse trajeto. Ele começa muito antes de pensarmos concretamente nele, posso lhe assegurar disso. Não pense muito, faça, experimente. Inicie o percurso com as ferramentas que você já tem, pois com certeza tem, você foi aluno por muito tempo. Se você se apaixonar, e o risco de isso acontecer é grande, pense no tamanho da enrascada que se meteu: você ensina, é professor, mas é ensino técnico e o mundo parece te olhar como um professor menor, menos que os outros. Você vai sentir isso. E como! Aqui preciso te dar um conselho, e de verdade, é um que ainda estou testando. Ocupe o seu lugar, estude, busque sua especificidade de identidade, estude, faça a docência profissional valer a pena. Sabe por quê? Porque nesse caminho você vai conhecer pessoas incríveis, pessoas que precisam sobreviver nesse mundo, e que têm urgência dessa sobrevivência. E nem por isso são “pessoas menores” ou menos pessoas. Eles vão te ensinar a ser professor. São os alunos. Se tem uma coisa que eu acredito e que aprendi ser também teoria, é que tudo isso que eu estou te contando acontece num relacionamento entre pessoas. Valorize esses encontros. E não se esqueça: estude! Lembre-se, trabalhamos com algo que é central

no ser humano sob vários aspectos: o trabalho. Meirieu disse na página 51: “(...) nosso esforço consiste em despertar a motivação no próprio movimento do trabalho”. Já pensou nisso?

Ele também diz que ser professor é uma maneira particular de ser no mundo (p.13), e olha, ele tem toda razão. Não temos um minuto de paz nessa nossa cabeça, tudo pode se ligar a conteúdos, formas de expressão, as notícias que tem a ver com nosso mundo, nossa matéria. Não tem descanso, a cabeça ferve pensando naquele aluno, na história que ele te contou, na dificuldade dele com determinada coisa, não tem descanso a cabeça de um professor.

E sobre sua remuneração, ela nunca vai estar à altura do que você merece, pode ter certeza. Neste momento, refugio-me sim em pensar na intencionalidade do que faço e no quanto isso me dá prazer. Penso também, e pense nisso com carinho meu amigo, que não quero trabalhar 8h por dia nem todos os dias da semana, e isso não tem preço, você verá. E tem toda aquela burocracia chata, que te garanto ser bem menor e pontual do que a que você fazia no seu emprego anterior. O mundo é feito de burocracia (ainda), ela está em todos os lugares, não há como escapar.

E se você seguir o meu conselho e estudar, vai descobrir que tipo de professor você é, e aí sim, aquela sensação de ser menos por ser “técnico” vai se transformar em

uma inquietação calorosa sobre querer mais disso. Sabe por quê? Porque você vai descobrir uma hora ou outra que ser professor é um pedaço grande, bem grande de de que você é, da sua identidade, e não tem coisa melhor do que podermos ter a chance de descobrirmos quem somos com a nossa profissão. É trabalho de uma vida meu caro, altos e baixos, frustrações e alegrias, mas é para a vida.

Ah... já ia me esquecendo, quando você fechar a porta da sua sala de aula, é só você e seus alunos, não tem política pública, não tem burocracia, não tem chefe, conteúdo insuportável, nem mágica tem, e tudo vai acontecer nesse encontro. Que ele seja pleno de trocas, não perfeito, não show, mas um humano tocando e sendo tocado por outros.

Boa sorte!

Sujeito 5

Carta 6

*Caro futuro colega de profissão,
Estou escrevendo esta carta com o objetivo de auxiliá-lo no início desta jornada complexa e frutífera que é de lecionar em uma escola pública de ensino técnico. Para tanto, a minha escrita se baseia em experiência no ofício e em algumas leituras sobre o cotidiano em sala de aula.*

Meirieu (2009), no seu livro Carta a um jovem professor, alerta-nos sobre o fato de que não devemos escolher entre o amor aos alunos e o amor aos saberes, ou seja, temos que construir uma relação saudável com os nossos estudantes, porém, devemos ter este mesmo sentimento positivo com o objeto de nossa profissão que é o conhecimento. Para este autor, o trabalho do professor é sempre o mesmo, independentemente do nível em que leciona, seja o Fundamental I, ou o Médio, o ofício é o acompanhamento da apropriação e consolidação do conhecimento por parte dos discentes.

Sobre o fato de ser professor, Meirieu (2009) profere a seguinte frase: “Independentemente do que ensina e onde ensina, um professor sempre ensina alguma coisa a alguém”. Portanto, caro futuro colega, quando estiver desmotivado pela má recepção de sua aula por parte do alunato, tenha em mente que você ensina um conteúdo significativo para uma parcela deles. Pense naquele professor em quem você se espelhou, abrindo as portas dos saberes e que desperta as lembranças mais importantes da sua vida estudantil.

Outro fato importante que acontece na nossa jornada docente é, conforme tenha saltos na carreira e promoção funcional como coordenador, diretor ou algum cargo de autoridade na Educação, lembre-se que você continua sendo professor acima de tudo, mesmo que atue nas funções mais burocráticas que possam surgir neste

imenso cosmos educacional. Caso venha a atuar em alguma função burocrática, pense se alguns dispositivos criados para facilitar o controle e o acompanhamento do ritmo escolar não estejam atrapalhando o trabalho pedagógico da escola, pois o burocrático não pode sobrepor o pedagógico, apesar de sua extrema importância na organização escolar.

Sobre o trabalho docente, o ensinar é organizar situações de aprendizagem eficazes e a construção destas questiona os próprios saberes que não são absolutos e imutáveis, mas frutos de uma construção coletiva. Entretanto, Meirieu (2009) adverte para os perigos da eficiência didática a qualquer preço, buscando apenas o resultado e deixando de lado a consolidação do conhecimento e aprendizagem significativa.

Estimado jovem professor, a fim de alcançar a excelência em suas aulas, siga as recomendações de Meirieu (2009): seja exigente consigo mesmo e com os alunos, buscando sempre o melhor; prepare o material da aula, estruturando o espaço e o tempo; a escola deve auxiliar a criança a deixar de ser o centro do mundo, buscando o bem comum e respeito mútuo.

Tardif (2005), em sua obra Saberes Docentes e Formação Profissional, afirma que o ensino vem da história de vida e desenvolvimento na carreira dos professores, que são consolidadas pela formação contínua, ou seja, as suas vivências e sua evolução acadêmica e profissio-

nal têm papel preponderante para que a aprendizagem aconteça em sala de aula.

Já Peterossi e Menino (2017), no livro Revisitando Saberes e Práticas de Formação de Professores, apresentam o professor de curso técnico com a premissa de ser um profissional do mercado, inserido em um contexto socioeconômico, agente causador de mudanças ou alguém que se adapta às circunstâncias do seu ambiente. Digníssimo futuro docente, espero que o conteúdo seja útil para o seu ingresso na carreira e deseje-lhe boa sorte, paciência para aqueles dias difíceis, esperança e confiança de que, no final, o objetivo será alcançado, com mudança significativa na vida dos estudantes.

Cordialmente,

Sujeito 6

Carta 7

Caro colega jovem professor,

A você, que decidiu ensinar, tenho uma pergunta: O que o levou a escolher essa profissão?

Muito tenho escutado, de colegas, que a motivação da escolha se fez presente em tempos de infância ou adolescência, espelhando-se em professores que os fizeram ver além das aparências dos tópicos de aula, que se encantaram nos experimentos das aulas de química ou

ao entender os diálogos em língua estrangeira, nas aulas de inglês ou espanhol.

Outros, tem como motivação o amor pelas crianças ou adolescentes e se preocupam que elas tenham, todas, a capacidade de enfrentar os desafios da vida adulta, tendo desenvolvimento pleno como seres humanos, vivendo e ajudando a sociedade que todos fazemos parte. Alguns professores expressam paixão pela área da disciplina que lecionam, porém muitos se encontram desmotivados. Desanimados com a nova geração de estudantes, sempre conectados nas redes sociais, seguindo modismos quase diários, programas televisivos (alguns medíocres), jovens esses, que incorporaram, como modo de vida, a necessidade de aprovação dos “amigos virtuais”, todo o tempo, o tempo todo.

Somada a essa nova “formatação” de estudantes, ainda nos deparamos com uma grande quantidade de tarefas administrativas, reuniões, problemas de disciplina em sala de aula e relatórios a serem entregues, restando menos tempo para (re) criarmos situações de aprendizagem eficazes e significativas.

Aos desanimados, quero dizer que apesar dessas pressões exercidas sobre nós, ainda há esperança. Ainda é possível transmitir, ensinar, educar em uma sala de aula. Precisamos nos adaptar aos novos tempos.

Não somos mais a figura respeitada unicamente por sermos professores (como há poucos anos) tanto pelos estudantes como pela sociedade. Assim, então, necessi-

tamos que o componente afetivo atue de forma determinante na aprendizagem.

Repito: Precisamos nos adaptar aos novos tempos.

Precisamos entender que os saberes que configuram a nossa profissão docente são vários, tais como: a compreensão das dimensões histórico-sociais em que se inserem a educação escolar, os saberes de conteúdo específico, os saberes pedagógicos, os saberes experienciais, entre outros. Tais saberes são frutos da nossa formação formal e informal, experiência pessoal e profissional, relação com os alunos e pares, vivência dentro e fora da escola. Nunca esqueça que a pedagogia, didática, aprendizagem e ensino são construções sociais que dependem da história, cultura e hierarquias que predominam.

Lembre-se, jovem professor, que também aprendemos quando lecionamos, mas que o foco é o aluno, portanto, ele deve ser o centro de nossos esforços para que ocorra o aprendizado. Necessitamos criar uma nova maneira do estudante confrontar-se com o saber que o ultrapassa, solicitar seu comprometimento com o novo, com questionamentos e, principalmente, oferecer recursos para que ele tenha o prazer da descoberta e encontre significado no que aprende. Não se esqueça que também aprendemos experimentando situações informais, adquirindo habilidades com parentes, testando nossas emoções e nossos sentimentos em discussões familiares, conversando com amigos, assistindo televisão, lendo

livros, folheando catálogos ou navegando na Internet. Necessitamos construir a disciplina escolar preparando minuciosamente o trabalho, ter firmeza nas nossas instruções, preparar o ambiente (sala de aula) de modo que todos os alunos tenham um papel na aprendizagem, que sejam também, os protagonistas dessa jornada. Do mesmo modo que qualquer artesão prepara seu ambiente de trabalho (para ter suas ferramentas a mão) devemos preparar a sala de aula antecipando as necessidades, o desenvolvimento da tarefa, para então alcançarmos o objetivo esperado. As instruções devem ser claras, sem ser repetitivas.

Nosso ofício requer que o trabalho proposto aos alunos (de aprender) envolva todos, mas não se esqueça das funções fundamentais no ato de educar, a tomada de decisão (o que se quer fazer, suas finalidades e objetivos), a organização da gestão (execução e gerenciamento dos procedimentos) e a ação educativa (o pedagógico), pois não se pode falar em educação, sem definir os ‘fins’ que ela deve atingir, os objetivos de curto e longo prazo, os fins gerais e particulares.

Ensinar é um meio de possibilitar que os alunos tenham a alegria das descobertas, mas é, principalmente, mostrar os caminhos que levam a elas, ou seja, a aprendizagem é uma construção pessoal realizada com ajuda de outras pessoas, um processo que não só contribui para que o aluno aprenda, mas que também aprenda a

aprender e que aprenda que pode aprender. Sua repercussão não se limita ao que o aluno sabe, mas também no que sabe fazer e na imagem que tem de si mesmo.

Jovem professor, não esqueça que o ato de lecionar precisa abranger junto com os campos cognitivos e afetivos, o conteúdo da disciplina e a preparação para a cidadania. A escola deve formar cidadãos conscientes de seu papel e importância na sociedade, com voz própria e autonomia, que respeitem o conjunto de direitos e deveres pertencentes a todos, visto que a função da cidadania é contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa mediante a participação de todos.

Como disse Philippe Meirieu: “Ao escolher o ofício de professor, você apostou no futuro”.

Boa sorte!

Sujeito 7

Carta 8

30 de novembro de 2022.

Ao engenheiro que decidiu ser professor.

O curso de engenharia proporciona algumas escolhas ao se graduar. Os engenheiros recém-formados são absorvidos pelo setor financeiro para trabalharem em banco ou corretoras, também são contratados pelas

empresas dos setores de construção para trabalharem com vendas técnicas, assim que como setores industriais também precisam de vendedores especializados e é claro há os que são convidados para projetar e/ou executar os serviços relacionados a construção, instalações elétricas e assim sucessivamente a todas as áreas da engenharia. Há ainda aqueles engenheiros que decidiram ir para docência como é o nosso caso, e vou relacionar nesta carta, alguns aspectos que nós não aprendemos em nosso curso.

Você decidiu ensinar?

Ensinar é organizar o confronto com os saberes e ajudar a se apropriar deles. Enquanto o artista procura comover, o político convencer, o empresário dirigir, o professor, por sua vez, ensina.

Durante os semestres de engenharia, e é importante dizer que independe da área, somos submetidos a uma imersão de cálculos complexos e desenvolvemos um raciocínio lógico matemático para o desenvolvimento destes longos e complexos exercícios. Num outro momento, somos direcionados para áreas específicas relacionadas a sua opção de formação para aprendizado dos fenômenos da física que explicarão os fatos a serem estudados e calculados futuramente.

E como é ser professor?

Ser professor é assumir sempre a apresentação dos saberes e, ao mesmo tempo o acompanhamento de sua apropriação. Quando entrei a primeira vez numa sala

de aula de um curso técnico em eletrônica, confesso que fiquei desambientado e com um livro de física embaixo do braço. Com o passar dos semestres, fui associando algumas técnicas em sala de aula, que sempre foram muito parecidas como o meu dia a dia fora delas, na atividade de engenheiro de vendas. O cliente é o propósito do vendedor! E na vida docente, O aluno é o propósito, o aluno é centro das atenções!

Segundo Libâneo no livro, Democratização da Escola Pública “A tendência liberal renovada acentua, o sentido da cultura como desenvolvimento das aptidões individuais. Mas a educação é um processo interno, não externo; ela parte das necessidades e interesses individuais necessários para a adaptação ao meio. A educação é a vida presente é parte da própria experiência humana. A escola renovada propõe um ensino que valoriza a autoeducação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo”.

Traçando este paralelo Cliente/Aluno comecei a procurar quais tópicos da física ou da matemática que seriam necessários para o desenvolvimento do assunto a ser estudado e lhes oferecia algumas atividades individuais ou em grupos, por meio dos quais, eles se apropriariam de tais bases que não possuíam. O aprendizado se dava de forma evolutiva como uma escada, sempre degrau a degrau. O paralelo com os clientes vem da identificação de possíveis ofertas a serem feitas

e com o acompanhamento do processo de implantação de um produto na indústria. Com os alunos, o acompanhamento é contínuo e recomendo estar sempre à disposição para novos esclarecimentos ou novas formas de explicação. Imagine que você vendeu um televisor novo e o cliente não entendeu bem ou esqueceu de alguma função e te liga perguntando. Você explica com prazer, pois, imagina que na próxima compra o cliente vai te procurar. Faça isso com seu aluno.

Por mais que você esteja inseguro ao iniciar, um professor que conhece o conteúdo, sempre ensina alguma coisa. Todo professor trabalha sobre essa difícil associação entre objetos de saber e sujeitos que devem apropriar-se deles e todos os esforços da escola devem convergir para a aprendizagem dos alunos.

Após alguns semestres com disciplinas teóricas, comecei a ministrar aulas práticas em laboratórios do mesmo curso e novos desafios vieram. A ideia foi partir de uma aplicação prática para apropriação de fenômenos da física para entendimento de funcionamento de componentes eletrônicos e de conceitos básicos de eletrônica como o da corrente elétrica, introduzindo o conteúdo teórico e alguns cálculos em conjunto com a aplicação prática. O laboratório e as pequenas montagens são um combustível motivacional para os alunos que tem muito mais interesse por este tipo de aula do que a clássica aula com giz e lousa.

Aulas práticas são sempre motivacionais, mas é importante que elas sejam bem planejadas, para que a experiencie, inicie e termine na mesma aula, pois, algumas você terá que repetir para fixar o aprendizado. Relacione certos procedimentos de forma sucinta e objetiva descrevendo possíveis problemas e punições caso não tenham a disciplina que o procedimento exige. Exemplo, em aulas de soldagens, os alunos não podem de maneira nenhuma brincar com o ferro de solda, pois podem se queimar. O uso de roupas adequadas para estas aulas, como calças é obrigatório e caso o aluno adentre o laboratório de bermuda, sua permanência não pode ser permitida. Você, professor, tem o dever conversar com o aluno de forma adequada, pedir que ele se retire do local exercendo sua autoridade dentro do laboratório. Isso é um reforço positivo, pois, o aluno tinha conhecimento que não poderia ir para aquela aula de bermuda e mesmo assim foi. Se você permitir sua permanência, na próxima aula, todos estarão de bermuda. Ao realizar o procedimento correto, todos os alunos entenderão que se vierem de bermuda, não assistirão àquela aula prática.

Para não me estender mais, deixo mais algumas observações que obtive com o passar dos semestres, prepare o ambiente para ministrar suas aulas. A ambientação do local de trabalho é muito importante. Use todos os recursos disponíveis para melhorar sua aula, deixe os

alunos instigados para sua próxima aula, use os recursos áudio visuais com pequenos trechos de filmes que demonstrem de forma visual tais fenômenos, fotos, cartazes, estimulem o trabalho em grupo, lembre-se de que, quando falamos de alguns fenômenos como os magnéticos ou elétricos, estamos descrevendo algo que podemos sentir mas “não vemos” e conseqüentemente de difícil entendimento e todos os recursos citados acima ajudam na construção de conhecimentos dos alunos, como se cada recurso fosse uma peça do quebra cabeça que vai construir o conhecimento desde meninos e meninas. A construção de conhecimento é feita dentro e fora da escola e talvez umas das coisas mais importantes que nós educadores temos como função é despertar no aluno o seu autodescobrimento e entenda qual a melhor forma, o melhor procedimento, a melhor prática para que ele “aprenda a aprender”. Não que os conteúdos das bases curriculares não sejam importantes, mas quando o aluno identifica qual o caminho para entender determinado assunto, ele constrói o conhecimento e você, educador, atingiu o seu objetivo. Segundo Delors, os pilares da Educação são “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a conviver com os outros” e “aprender a ser”

Meu caro amigo engenheiro docente, esteja sempre à disposição dos seus alunos.

Sujeito 8

Carta 9

Caro colega,

Muito me alegra sua chegada à nossa instituição pública de ensino técnico e tecnológico. Escrevo estas breves linhas para dar-lhe as boas vindas, compartilhar de experiências e acalmar-lhe o coração em relação a sua jornada enquanto educador.

Estando nós, inseridos na educação profissional e tecnológica, é comum que a opção da docência não tenha sido nossa primeira escolha. Uma vez formados em áreas e profissões diversas, você, bem como muitos de nossos colegas buscaram trabalho no que chamamos de mercado. Isso me leva a perguntar a você, como reflexão, porque decidiu ser professor? Não quero aqui assustá-lo ou colocá-lo na parede com questionamentos do tipo: “Por que está aqui? Isso não é seu lugar”.

Pelo contrário, desejo que reflita sobre essa nova carreira que decidiu, por algum motivo, traçar em sua vida profissional. Eu mesmo fiz esse caminho. Após passar anos trabalhando com tecnologia em empresas diversas, com horas de trabalho muito acima do aceitável, com férias sempre picadas, me aventurei quase sem querer na atividade docente. A partir de uma primeira experiência como docente temporário em um curso técnico, percebi que ali havia uma possibilidade de trabalho que eu poderia explorar. De fato, os ganhos sala-

riais não se comparam, infelizmente, às oportunidades oferecidas nas empresas, no meu caso. Contudo, o fato de poder trabalhar com mais autonomia, não ser obrigado a picotar minhas férias em 3 vezes de 10 dias, ter meus finais de semana livres para utilizar como desejar ao invés de dedicar ao trabalho, me colocaram em profunda reflexão sobre a possibilidade real de me tornar um professor. Sem falso moralismo, sim, escolhi a carreira que, a princípio, me traria menos ganhos financeiros, mas que por sua natureza, me deixaria menos estressado, preocupado e doente. Portanto, não se envergonhe de sua jornada. Reitero que o objetivo dessas linhas é trazer reflexão sobre o porquê de estar aqui, o que irá nos levar ao restante deste texto. Talvez essa reflexão te traga inquietação e você acabe se perguntando: “Será que serei um bom professor?” Bem, essa não é uma pergunta fácil de responder. Muito mais do que gostar da sua carreira como docente, acredito que em primeiro lugar, você deve se esforçar para ser um bom profissional, cumprir com suas obrigações e acima de tudo ser reconhecido por isso. Não só profissionalmente, mas financeiramente também. Afinal, ninguém sobrevive de amor, correto? A compensação financeira deve ser adequada e justa para que você possa exercer suas tarefas com boa vontade, disposição e alegria. Se funciona assim no “mercado de trabalho”, por que na educação deveria ser diferente? Mas a pergunta não era

essa. Precisei passar por esse aspecto para mostrar-lhe que a docência é uma profissão como outra qualquer. Como tal, exige de seus profissionais contínuo aperfeiçoamento, formação e remunerações adequadas. Gostar do que faz é diferente de fazer por amor. Por amor fazemos trabalhos voluntários. Na educação, somos profissionais e assim devemos nos comportar e exigir que assim nos enxerguem. Contudo, há na docência, especificidades, como em qualquer outra profissão, que precisam ser cuidadosamente analisadas e refletidas. Você traz consigo uma formação profissional específica, experiência profissional e agora poderá utilizar esses conhecimentos para sua prática em sala de aula. Mas o que é ser professor ou melhor, como se tornar um professor? Maurice Tardif (2005), em seu livro “Saberes Docentes e Formação Profissional”, traz questionamentos similares. Na introdução do referido livro, o autor pergunta: “Quais são os saberes que servem de base ao ofício do professor? Como esses saberes são adquiridos?”. Na visão de Tardif (2005), os saberes docentes são constituídos de diversos elementos, como experiência pessoal, da formação recebida num instituto, escola ou universidade, por meio do contato com os professores ou outras fontes. É importante compreender que o saber do professor não é oriundo apenas da formação inicial, mas sim de toda a complexidade vivenciada pelo docente. Portanto, não só a formação em licenciatura irá formar o docente. Cá estamos nós, professores de áreas

técnicas, que em muitos casos não possuem licenciatura. Não que não devêssemos, mas talvez esse seja um assunto para outro momento de discussão. O que gostaria de destacar é que a formação do professor, como bem apontado por Tardif (2005), começa antes mesmo da formação específica. Mas só isso não basta. A prof. Helena Peterossi, no livro *Fundamentos e Práticas em Educação Profissional - A formação do Formador* aponta para necessidade de formação para os professores de ensino técnico e tecnológico, uma vez que, nas palavras da professora, “tanto o ensino técnico como seus professores têm especificidades que os diferenciam do conjunto do ensino regular universal e obrigatório”. Não quero aqui apontar soluções políticas ou educacionais. Mas chamo a atenção ao fato da necessidade da formação ser parte essencial como resposta à pergunta realizada alguns parágrafos acima: “Será que serei um bom professor?”.

Você, enquanto profissional, precisa buscar cursos de formação continuada ou especializações, dedicado à sua formação enquanto docente. É sua obrigação buscar entender as práticas profissionais e a educação com um único objetivo: entregar o melhor ensino possível aos futuros profissionais que buscam na formação técnica e tecnológica uma oportunidade de qualificação para o mercado de trabalho.

Espero que essa carta não seja enfadonha, mas ao falarmos de futuros profissionais, que para nós são apenas

alunos, surgem, inevitavelmente, perguntas como: Para que ensinar? Por que ensinar? Para quem ensinar? O que ensinar? E como ensinar? Observe, caro colega, que estamos dentro de um grande novelo de lã. Uma questão leva a outra e no limite, tudo está relacionado. Mas buscando responder às questões acima, poderia indicar-lhe a leitura do livro “Ciências da Educação” de Gaston Mialaret. Talvez ache chato ou desnecessário, e acredite, eu te entendo. Mas, utilizo aqui, palavras de Mialaret: “As ciências da educação são constituídas pelo conjunto das disciplinas que observam, estudam, analisam cientificamente, ..., as situações educacionais, suas condições de existência, estrutura, funcionamento, evolução, utilizando métodos e técnicas atuais de ciências humanas”. Como então, enquanto professor, negligenciar tais estudos? Não acredito que precise ser um especialista nas questões das ciências da educação, mas entender ou ao menos buscar compreender como se dão os processos educacionais, ajudará o nobre colega a tornar-se um bom professor. Ao entender essa dinâmica educacional é importante que você, professor, entenda a (s) sua (s) disciplina (s) e sua sala de aula. Em relação à primeira questão, utilizo uma frase da professora Helena Peterossi: “ninguém ensina aquilo que não sabe”. De fato, estar preparado e conhecer sua disciplina a fundo, irá permitir-lhe preparar sua aula de forma adequada, entendendo o tempo necessário

*para atividades, os objetivos educacionais de cada aula e conteúdo. Sem isso, suas aulas serão vazias, tanto de conhecimento quanto de interesse dos alunos. Já em relação à segunda colocação, entender a sala de aula significa avaliar os alunos, entender o seu comprometimento, seus interesses, seus conhecimentos prévios. Isso lhe permitirá avaliar sua atuação e reconduzir suas ações para que atinja seus objetivos. Há diversas formas de conduzir uma aula, há métodos de ensino diferentes e por obviedade nem todas as práticas e métodos se aplicam em todas as situações. O livro *A Prática Educativa: Como Ensinar* do professor Antoni Zabala traz luz sobre essas considerações, trazendo explicações de sequências didáticas para a sala de aula, ou seja, como conduzir sua aula. Por exemplo, explica uma sequência didática na forma de: comunicação da lição seguindo para estudo individual, repetição de conteúdo, prova e avaliação. Claro que trago aqui apenas um exemplo de sequência didática, sem explicação do como fazer. Mas isso pode ser encontrado de forma detalhada no livro citado acima. Inclusive, tal sequência exemplificada aqui, está descrita na página 56 do livro, como Unidade 1. Poderá encontrar também no livro, exemplos de organização de conteúdos em relação às suas relações, como multidisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares, além de explicações de métodos globalizados de ensino. Claro, não são regras,*

e você, caro colega, seja prudente em suas leituras. Provavelmente irá encontrar propostas de organização de conteúdos ou sequências didáticas impraticáveis na sua realidade. Mas, o entendimento de práticas diversas, irá ajudá-lo a identificar o que melhor se aplica a cada uma de suas turmas e disciplinas. Até este ponto, trouxe a você, alguns pontos de reflexão sobre a formação e prática docente. Não pretendo me alongar demais, mas é importante trazer a você um último conselho, deste colega que já está a alguns anos dentro deste sistema. Envolve-se, dentro de suas possibilidades, com as comissões que surgirem. Sejam elas de cunho puramente educacional ou administrativas. O envolvimento de toda a comunidade escolar na gestão da unidade é de suma importância para que haja uma gestão escolar verdadeiramente democrática e participativa. Envolver-se nas comissões irá permitir-lhe entender o funcionamento da unidade e da máquina pública que a envolve. Há diversos documentos os quais você terá a necessidade de se apropriar, de ordem administrativa interna e externa, mas não vou atormentar lhe com isso. Estes lhe serão apresentados conforme as necessidades, e como dito, você irá se apropriar. Porém, se me permite indicar-lhe uma leitura, para que faça com calma, sugiro o livro *Educação escolar: políticas, estrutura e organização* de José Carlos Libâneo. O livro apesar da idade (10 anos), explora as reformas educacionais, as mudanças políticas, passando pela educação públi-

ca em sua organização, funcionamento, estruturas das redes federal, estadual e municipal.

O livro é extenso, e não tente esgotá-lo com apenas uma leitura. É um material rico que você poderá utilizar como fonte de consulta sempre que necessário, além de permitir-lhe o entendimento e funcionamento dessa estrutura do estado chamada educação.

Assim, encerro esta carta desejando-lhe uma excelente jornada docente. Que possa colher bons frutos pessoais e profissionais. Não se esqueça nunca: o bom profissional se faz a partir de dedicação, comprometimento e seriedade. Entregue em nossa escola e em suas aulas o mesmo comprometimento que teria em qualquer outra profissão. Tenho certeza de que teremos um ótimo profissional e colega.

Receba um caloroso abraço de boas-vindas.

Sujeito 9

Carta 10

30 de novembro de 2022

Prezado amigo professor,

Depois de doze anos lecionando, compartilho um pouco dessa experiência como educador, ensinar é uma virtude, há caminhos planos com bons resultados, mas também há caminhos estreitos que exigem muito pla-

nejamento, organização e desafios que também podem te ajudar atingir bons resultados quanto ao aprendizado de seus futuros alunos. Há algumas dificuldades no início da carreira, muitas instituições exigem experiência e se alguma delas não te der o voto de confiança como poderemos exercer e aplicar nosso trabalho? Por isso, não desista, ultrapasse limites e se mantenha focado em trabalhar em uma instituição que te aceite com suas qualidades.

Entrar em uma sala de aula pela primeira vez, pode ser um momento de nervosismo, mas com o diálogo, os olhares dos alunos, você vai conquistando o seu espaço, estabelecendo limites, construindo o seu ambiente de ensino. É preciso estabelecer objetivos, regras e com o tempo, mediante o perfil dos alunos, da escola em que você está, você vai moldando suas aulas voltadas para um melhor aprendizado, com um ambiente acolhedor e de respeito.

Quanto ao perfil do professor, acredito que em determinando momento é preciso ser disciplinador, flexível, fazer o uso de empatia, enfatizo a importância do diálogo com seus alunos e um acompanhamento muito próximo deles, seu coordenador é um forte aliado quando precisar relatar algum problema dentro da sala de aula. Devemos pensar em várias formas de engajar nossos alunos com as nossas aulas.

Com o passar do tempo, pode ser que você vá trabalhar na mesma instituição, mas em lugares diferentes,

ou em escolas públicas e privadas, independentemente de onde estiver, você conquistará inúmeros saberes, você terá diferentes técnicas de ensinar, um bom aprimoramento didático, quanto a linguagem didática, é uma linguagem simples, com o uso correto gramatical, objetiva e sem preguiça de repetir, caso o aluno tenha dúvidas, explique novamente em outras palavras, você precisará repetir e instruir diversas vezes para realização de uma atividade.

Lembre-se que a escola é vida, ela também foca no coletivo, no trabalho em projetos, teamwork, os alunos aprendem um com o outro e você aprenderá muito com eles também, serão momentos que ficarão guardados na memória. O tempo está passando muito rápido devido a quantidade de informação, por isso se atualize, continue buscando aprimoramento, há sempre algo novo para aprender, para compartilhar com seus alunos.

Leia sobre os autores relacionados à educação, que no passado conquistaram inúmeros saberes através de pesquisas, nas suas aulas você poderá se espelhar neles usando um pouco de cada pedagogia mencionada e estudada por eles, acredito que ensinar exige muita flexibilidade, pois a educação é uma prática social historicamente situada.

É de extrema importância que nossos alunos tenham um conhecimento básico ou a base de mundo para que ele possa desenvolver habilidades e processar informações. Lembre-se de que a sala de aula é um espaço de

comunicação e relações interpessoais mediadas pelos saberes disciplinares e sociais e é o próprio professor que adquirir o saber tanto no ensino privado ou público nos lócus profissionais. Enfatizo a importância da palavra competência que é sempre apresentada em uma situação específica e é nessa situação que o aluno mostra tudo o que ele incorporou, em alguns momentos você perceberá o que ele incorporou, em algumas atividades, os saberes se apresentarão em outros momentos, pode ser até em longo prazo.

Seja um professor participativo e engajado com as atividades de sua escola, pois ela será sua segunda casa, é importante trabalhar em um lugar que te motive, pois você precisará de forças para encarar as dificuldades vindouras. Conheça e leia o currículo proposto por sua instituição, a forma de como ele é organizado, se é por área de conhecimento, pela interdisciplinaridade, há várias formas de organizar o currículo educacional e é importante a forma de como o currículo está organizado, hoje o enfoque global vê o homem como um ser integral, e é importante que temos esse olhar para o aluno de forma integral, não podemos apenas pensar em pedaços de conhecimentos.

Meu último conselho é que você não desista de seus objetivos, de lecionar e estar envolvido com a educação, nos momentos difíceis busque ajuda, converse com sua equipe de professores. Mesmo com obstáculos, haverá sempre uma escola, uma instituição, uma universidade

esperando por você, por suas ideias, seus conhecimentos, por sua forma de ensinar. Conte comigo, seja bem-vindo na área educacional. Sucesso!

*Abraços,
Sujeito 10*

Carta 11

*Caro amigo novo professor,
Escrevo esta carta durante um processo ao qual vai perceber ser contínuo na vida de um professor – um período de aprendizado intenso.*

*Tenho atuado, há uma década, como professor e agora a fim de aprimorar ingressei no curso de mestrado em educação profissional. A experiência que estou vivenciando a cada semana tem transformado minha forma de agir, ensinar, falar e até de interpretar situações diárias de ensino tanto com pares quanto com estudantes. Como uma das atividades propostas pelos professores de Formação do Formador, uma das disciplinas do segundo semestre de 2022 deste mestrado, fomos encorajados a ler o livro *Carta a Um Jovem Professor*, de Philippe Meirieu, e posteriormente, escrever também uma carta a um jovem professor. Aqui estamos!*

O livro proposto é uma coletânea de relatos e experiências de professores na Europa com o propósito de pro-

porcionar diferentes óticas a respeito da profissão professor, suas atuações e algumas de suas preocupações, anseios, desilusões, alegrias e até mesmo estratégias em busca da excelência.

Sendo aqui uma carta, sinto-me confortável em escrever que ao ler as páginas do referido livro, alguns sentimentos e pensamentos me vieram a mente. Permita-me relatar dois deles. O primeiro é de empatia. Diversas das experiências relatadas conversam com a realidade que tenho vivenciado a anos. Exemplifico a questão proposta no livro como a razão que leva um indivíduo a tornar-se professor, o momento da vida em que a escolha é realizada e as influências oriundas para tal são reflexões que auxiliam na compreensão da identidade de um professor. Essa parte me fez lembrar que, no ano 2000 eu, apenas formado no nível médio, fazia um trabalho voluntário no nordeste do País. Nessa atividade eu era responsável por ser multiplicador de pequenas lições para as famílias que lá viviam. Muitas destas pessoas tinham pouca leitura ou eram completamente analfabetas. Minha alegria era utilizar objetos, oscilação de tom de voz, gestos e perguntas integradoras para manter os olhos deles conectados em mim direcionando para um conhecimento específico. Lembro-me do dia em que escrevia em meu diário que ao retornar para casa gostaria de “ser professor”. Ali, aos 19 anos de idade, o desejo aflorou, depois evoluiu para uma meta e sequencialmente para uma realização. Embora já

tenha atuado por muito na área administrativa como bancário, financeiro e outros, sou feliz como professor. Um de muitas reflexões que o livro nos traz é a tentativa de compreender como as escolhas funcionam na mente do aluno para então, após identificar onde o interior do aluno está, propor então caminhos para guiá-los ao conhecimento significativo conforme ensina David Ausubel.

Uma atenção dessa grande atividade envolve a administração, ou órgão gestor. O professor possui o contato direto com o aluno e é por ele responsável no processo de ensino a aprendizagem, porém possui na estrutura organizacional uma estrutura burocrática que pode distanciá-lo da verdadeira razão de seu trabalho. Essa distância pode ser causada tanto por relações de subordinação quanto por atividades formais que apresentam documentos, porém pela subjetividade não demonstra o aproveitamento real no processo de ensino aprendido. Caro amigo, seja atento para não abandonar os processos burocráticos ou focar neles com excelência tirando o foco do real objetivo. A dosagem pode ser uma estratégia de ganho mútuo.

Por fim, outro sentimento que tive ao qual relatarei é a saudade do antigo eu. Ao iniciar os primeiros capítulos do livro, consegui lembrar do momento de migração do setor corporativo bancário para a educação. Já possuía, visto aos muitos anos de exercício, um know-how, reconhecimento em desenvolver atividades, alcançar obje-

tivos e gerenciar projetos no setor privado. A mudança para uma nova atividade de ensino apresentou-se como algo a muito graus distantes da antiga realidade. Aparentemente a conversão do caminho profissional era simples, porém ao longo do processo percebi que possui igual ou superior complexidade nas inter-relações do ensino. O aprendizado por competências ensinado por Zabala exige entendimento a atenção assim como a afetividade de Wallon são mais amplos do que eu imaginava. Estava eu, deixando então minha zona de conforto e me colocando na posição de aprendizado de um mundo novo. Percebo que aquela primeira geração que ensinei possui características que já não são as mesmas da geração atual. Aprender então é um exercício constante nesta profissão e a professora Helena demonstra isso ao pesquisar e publicar sobre as mudanças históricas que ocorrem nos cursos, propósitos, políticas e perfis de alunos ao longo das últimas décadas.

Para finalizar e guardar no coração, “ser professor” é a arte, magia e oportunidade de aprender, pesquisar e vivenciar o novo a cada dia por meio da transformação do aluno e professor. Caro amigo, como citado no livro, “tornar-se professor é de fato, investir no futuro” e você, caro amigo novo professor, não tem futuro. VOCÊ é o futuro.

Sujeito 11

Análise da estrutura narrativa: a ação discursiva nas cartas

Para esta análise, considera-se o *corpus* constituído dessas onze (11) produções escritas dos sujeitos deste estudo, os alunos do programa de mestrado que também são professores de instituições de ensino técnico e tecnológico. A partir do desenvolvimento da disciplina eletiva, Formação do Formador, da qual participam quatro (4) professores, que são os pesquisadores participantes desta pesquisa, foram descritos e analisadas as produções textuais (cartas) dos alunos.

Esta análise se fundamenta na metodologia da Semiótica de linha francesa, segundo Pais (2007), que possibilita uma reconstrução do processo de produção do sentido nos discursos da educação sobre formação docente, subjacente aos textos das cartas, já que a proposta foi a de que um professor, o emissor, se dirigisse a um interlocutor, um jovem aspirante a professor.

A linha científica dessa teoria, Semiótica discursiva, tem por objetivo analisar o sentido que se constitui *nas e pelas* vozes que se manifestam na produção discursiva presente nas cartas dos alunos. A metodologia de análise do discurso que se propõe foi desenvolvida por Greimas (2001).

Greimas (2001) propôs uma metodologia que pudesse dar conta do significado em um sentido mais amplo. Todo processo discursivo, em seu plano de manifestação, reúne

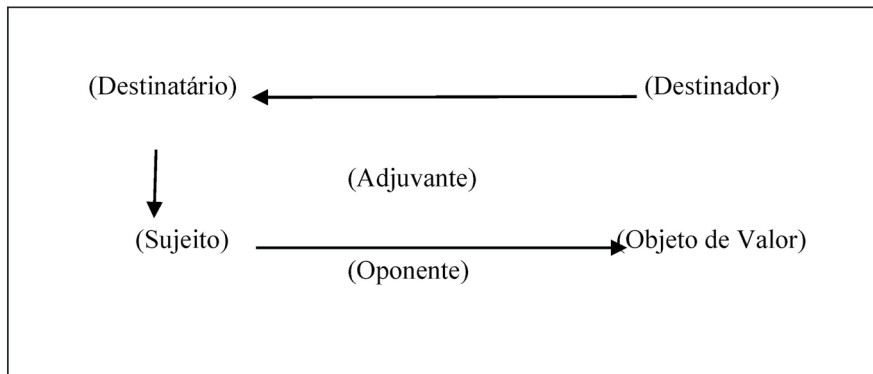
uma expressão e um conteúdo. No entanto, não é possível se analisar tal plano, sem que se considere significado e significante, tal como em uma análise linguística, para que possa se ultrapassar esse nível e ser possível a análise das unidades mais profundas e menores de cada um desses planos, para a reconstrução do sentido no processo enunciativo (Prados; Bonini, 2017).

Assim para se reconstruir um sentido, segundo essa metodologia de análise greimasiana, propõe-se uma desconstrução dos níveis estruturais do discurso. As estruturas narrativas dos discursos podem ser reconhecidas em manifestações do sentido presente em um texto.

Para isso, aceita-se uma distinção fundamental entre os dois níveis de representação e de análise, de acordo com Greimas (2001): um nível aparente da narração, no qual as diversas manifestações desta se submetem às exigências específicas das substâncias linguísticas, através das quais ela se exprime. E, um nível imanente, que se constitui uma espécie de tronco estrutural comum, em que a narratividade se encontra situada e organizada anteriormente à sua manifestação (Prados; Bonini, 2017).

Para a análise da narrativa do discurso manifestado nos enunciados das cartas sobre a profissão docente, a comunicação e as práticas educacionais, recorreu-se a um modelo de análise da Semiótica discursiva, do percurso de manipulação (destinador → destinatário) a um percurso de ação (sujeito → objeto de valor), segundo a metodologia greimasiana:

Figura 1. Modelo de Análise da estrutura narrativa do discurso



Fonte: (PAIS, 2005, p. 160)

Esse é um modelo validado da análise semiótica da estrutura narrativa do discurso, de acordo com a Semiótica discursiva. Para se desenvolver esta análise, foram levantadas as narrativas mínimas presentes em cada uma das cartas. A narrativa mínima, segundo essa metodologia, constitui-se da ação discursiva, em que se desenvolve o sentido do texto.

Descrição das narrativas mínimas

De acordo com a sequência das cartas exposta mais acima, verificou-se que todos os alunos recorreram à estratégia autobiográfica e destacaram valores e desafios da profissão docente, uma vez que todos são professores de ensino técnico ou tecnológico e vivenciam a experiência da prática pedagógica.

Além disso, ao construírem os textos das cartas, os alunos se basearam nas leituras sobre formação docente, saberes e práticas pedagógicas trabalhadas, ao longo do período em que se desenvolveu a disciplina Formação do Formador. Segundo esse conteúdo da base teórica trabalhada nas temáticas das aulas, os alunos desenvolveram argumentos sobre a formação e profissão docente em suas cartas.

Foram levantadas as categorias: *trabalho docente* em educação profissional; *desafios* ao professor; e *representações* docentes, a partir da leitura da produção textual dos alunos (cartas). Para esse levantamento, primeiramente, foram sublinhados os trechos comuns sobre a temática, bem como palavras-chave utilizadas pelos alunos. Em seguida, após essa análise do conteúdo, foram selecionados trechos da produção textual dos alunos (cartas), para uma análise semiótica discursiva, em que se considera o patamar da estrutura narrativa no discurso, segundo essa metodologia de análise.

Apresentam-se, portanto, as seguintes narrativas e categorias de análise, descritas no quadro que se segue:

Quadro 1: Descrição das narrativas das cartas

Cartas	Narrativas	Categorias
1	No percurso de manipulação, o sujeito emissor motiva o destinatário, apresenta o contexto do ensino, destaca os saberes da docência e qualidades do professor no processo de interação com o aluno.	Profissão docente
2	No percurso de manipulação, o sujeito emissor motiva o destinatário, destaca os valores do ofício do “educar”, apresenta os desafios da docência e dicas para o processo de ensino.	Profissão docente
3	No percurso de manipulação, o sujeito emissor apresenta os desafios da prática docente para o destinatário, fundamenta teoricamente sua argumentação e destaca os valores da empatia, do respeito e da afetividade.	Desafios ao professor

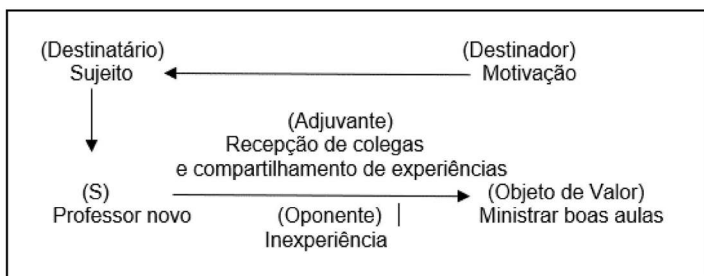
4	No percurso de manipulação, o sujeito emissor motiva o destinatário, destaca o valor do ensinamento como inspiração e admiração; fala da responsabilidade da escolha da profissão de professor.	Representações docentes
5	No percurso de manipulação, o sujeito emissor motiva o destinatário, destaca os valores da educação e o fato da importância de mudança da carreira profissional para a docência.	Representações docentes
6	No percurso de manipulação, o sujeito emissor apresenta para o destinatário os desafios da docência com o objetivo de auxiliá-lo no início dessa jornada.	Desafios ao professor
7	No percurso de manipulação, o sujeito emissor questiona o destinatário sobre os motivos para a escolha da profissão e apresenta os desafios dos novos tempos e da necessidade de se atualizar.	Profissão docente
8	No percurso de manipulação, o sujeito emissor apresenta para o destinatário o desafio da docência na educação profissional para aquele oriundo da engenharia.	Desafios ao professor
9	No percurso de manipulação, o sujeito emissor motiva o destinatário, destaca que é este que irá compartilhar experiências e se acalmar em relação à sua jornada enquanto educador.	Trabalho docente
10	No percurso de manipulação, o sujeito emissor motiva o destinatário, informa que compartilha da experiência como educador e que há caminhos planos com bons resultados, além de caminhos estreitos que exigem muito planejamento, organização e desafios.	Trabalho docente
11	No percurso de manipulação, o sujeito emissor apresenta para o destinatário a importância de este ingressar em um processo contínuo de aprendizado intenso.	Representações docentes

Fonte: Dados de pesquisa (2023)

É possível verificar, pela leitura das cartas dos alunos, produzidas a partir da leitura da obra de Philippe Meirieu, Carta a um jovem professor (MEIRIEU, 2006), que o interlocutor das cartas é um jovem professor a quem eles se dirigem, que está ingressando na docência, pois evidencia-se a pressuposição de que um jovem professor é novo e inexperiente. Uma das narrativas mínimas que se manifesta nas cartas (1, 2, 7, 9 e 10) pode ser descrita assim:

- Narrativa Mínima – O jovem professor quer ministrar boas aulas

Figura 2: Narrativa do discurso manifestado nas cartas 1, 2, 7, 9 e 10



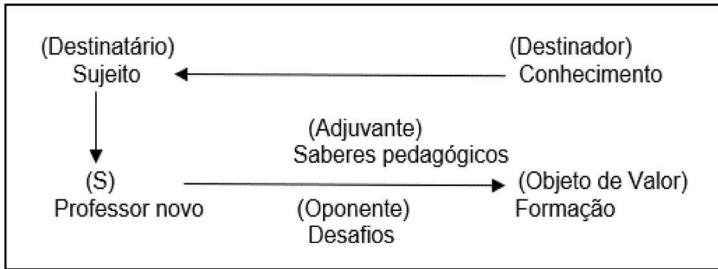
Fonte: Os autores (com base em PAIS, 2005)

De acordo com a análise discursiva, dos textos das cartas, a motivação sobre o trabalho docente foi um *destinador* do sujeito jovem professor, que é o *destinatário* e que, por sua vez, passou a *querer* buscar um *objeto de valor*, que é ministrar boas aulas. Nesse percurso de busca por esse *objeto de valor*, o jovem professor tem como *adjuvante*, a recepção de colegas e compartilhamento de experiências. Tem como *opponente*, sua inexperiência didática.

Uma outra narrativa mínima, que se manifesta nas cartas (3, 6 e 8) pode ser descrita da seguinte maneira, segundo a análise semiótica do discurso:

- Narrativa Mínima – O jovem professor quer se formar na docência

Figura 3: Narrativa do discurso manifestado nas cartas 3, 6 e 8



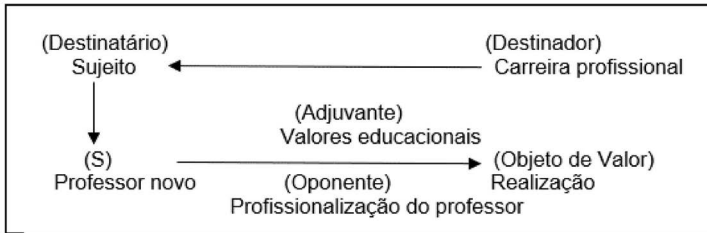
Fonte: Os autores (com base em PAIS, 2005)

De acordo com a leitura dessa outra narrativa mínima subjacente aos textos das cartas (3, 6 e 8), o conhecimento sobre o trabalho docente foi um *destinador* do sujeito jovem professor, que é o *destinatário* e que, por sua vez, passou a *querer* buscar um *objeto de valor*, que é formação na docência. Nesse percurso de busca por esse *objeto de valor*, o jovem professor tem como *adjuvante*, os saberes pedagógicos. Tem como *opponente*, desafios a vencer.

Finalmente, no *corpus* constituído pelas cartas, foi possível descrever também uma terceira narrativa mínima, que se manifesta nas cartas (4, 5 e 11) e que pode ser descrita da seguinte maneira, segundo a análise semiótica do discurso:

- Narrativa Mínima – O professor jovem quer se realizar na docência.

Figura 4: Narrativa do discurso manifestado nas cartas 4, 5 e 11



Fonte: Os autores (com base em PAIS, 2005)

De acordo com a análise discursiva, dos textos das cartas, a carreira profissional no trabalho docente, foi um *destinatador* do sujeito jovem professor, que é o *destinatário* no texto das cartas, que, por sua vez, passou a *querer* buscar um *objeto de valor*, que é se realizar na docência. Nesse percurso de busca por esse *objeto de valor*, o jovem professor tem como *adjuvante*, os valores sociais da profissão. E tem como *oponente*, a profissionalização do docente em educação profissional.

Verifica-se, por meio dessa análise semiótica dos discursos subjacentes aos textos das cartas que o trabalho, os desafios e representações dos docentes não se limitam só ao conhecimento do conteúdo, mas também em relação à formação e profissionalização desse aspirante à docência. E além do conhecimento sobre as ciências da educação, contextualização docente, políticas educacionais e institucionais, a aplicação desses saberes no exercício da docência é um desafio ao professor nas práticas educativas. Os saberes necessários para se

ensinar, segundo Gariglio e Burnier (2012), não se limitam exclusivamente ao conhecimento de um determinado conteúdo. Em educação profissional, quando alguém, normalmente vindo do mercado empresarial, começa a atuar em sala de aula, percebe que, para se ensinar, é necessário muito mais do que apenas a apropriação do conteúdo, mesmo que reconheça que tal conhecimento seja fundamental.

Refletir sobre a própria prática pedagógica faz parte dos processos de formação e de auto formação docentes. E essas atitudes são indissociáveis dos saberes da experiência. As experiências de vida imprimem mais força aos conhecimentos dos professores, quando transcendem o cotidiano escolar (Fartes; Santos, 2011).

Nas práticas educativas dos formadores evidencia-se que os processos formativos não devem ser vistos como treinamento de professores, a fim de que estes se limitem apenas a seguir manuais, segundo Gatti *et al* (2019). Um processo de formação deve preparar o professor para pensar e refletir sobre sua prática, de modo que se requer deste um trabalho com concepções e premissas que guiem a prática do futuro docente. Desse modo este professor precisa de uma base de conhecimento para as suas escolhas e ações didáticas.

Ao se considerar a falta de políticas públicas de formação do professor em educação profissional no Brasil, essa pesquisa contribui para o conhecimento sobre saberes e práticas docentes. Em educação profissional, o professor provém de diferentes áreas, voltadas ao meio corporativo e não acadêmico e, desse modo, leva para a sala de aula as experiências

adquiridas nesse contexto, mas necessita de formação pedagógica, a fim de que lhe sejam proporcionadas oportunidades de refletir e de pensar sobre sua prática.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

FARTES, V.; SANTOS, A. P. Q. O. Saberes, Identidades, Autonomia na cultura docente da Educação Profissional e Tecnológica. In: **Cadernos de Pesquisa**. V. 41, nº 143, p. 376-401, maio/ago 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000200004>

GARIGLIO, J. A.; BURNIER, S. Saberes da docência na educação profissional e tecnológica: um estudo sobre o olhar dos professores. In **Educação em Revista**. Belo Horizonte. V. 28, nº 1, p. 211-236, mar 2012. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000100010>

GATTI, B.A, BARRETO, E.S., ANDRÉ, M.E.D.A., ALMEIDA, P.C.A. **Professores do Brasil: Novos Cenários de Formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

GREIMAS, A. J. **Del Sentido II. Ensaio semióticos**. Madrid: Gredos.2001.

LISPECTOR, C. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MEIRIEU, P. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 96 p.

PAIS, C. T. Considerações sobre a Semiótica das Culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcódificações transculturais. In **Acta Semiótica et Linguística**. Vol. 11. Ano 30. São Paulo: 3ª Margem, 2007, p. 149-157.

PAIS, C. T. Propaganda e Publicidade no interdiscurso. Os sujeitos dos discursos científico e tecnológico em busca de seus objetos de valor. In **Revista Philologus**. V. 11, nº 31. Rio de Janeiro: CIEEFIL, 2005, jan/abril, 152-163.

PRADOS, R. M. N.; BONINI, L. M. M. **Ensaio de Semiótica Aplicada**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2017.

Mini Currículo dos Autores

Profa. Dra. Helena Gemignani Peterossi

Bacharel (1968) e Licenciada (1969) em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1979) e Doutorado em Educação (área de Metodologia do Ensino) pela Universidade Estadual de Campinas (1992). Pós-graduada em História e Filosofia da Educação pela USP (1987). Especialista em Formazione Formatori (IRES-Italia, 2000). É professora desde 1973 do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Faculdade de Tecnologia de São Paulo). Implantou e coordenou de 1977 a 1986 os Cursos de Licenciatura - Esquema I e II na Fatec São Paulo. Coordenou de 1988 a 1992 as Faculdades de Tecnologia do CEETEPS. Foi diretora de 1993 a 1997 da Faculdade de Tecnologia de São Paulo. Desde 2001, coordena a Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa e os Programas de mestrado. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino Técnico e Tecnológico, atuando principalmente nas seguintes áreas: planejamento e administração acadêmica, políticas públicas, projetos institucionais, formação de professores, educação a distância e educação profissional.

Profa. Dra. Rosalia Maria Netto Prados

Doutora em Semiótica e Linguística Geral, pela Universidade de São Paulo; pós-doutora em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo; especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua e graduada em Letras e em Pedagogia, pela Universidade de Mogi das Cruzes. É professora e pesquisadora do programa de mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, área de concentração; Educação e Trabalho. Atua na Linha de Pesquisa: Formação do Formador, no Projeto de Pesquisa: Saberes e Trabalho Docente, no qual discute Linguagem e práticas em Educação Profissional, com ênfase em Análise do Discurso e Semiótica. Atualmente desenvolve pesquisas sobre formação do sujeito e discursos político-educacionais e político-culturais.

Prof. Dr. Rodrigo Avella Ramirez

Doutor em Educação, Arte e História da Cultura (summa cum laude) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestre em Gestão da Formação Tecnológica pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). Especialista em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Possui graduação em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing-ESPM e Licenciatura em Língua Inglesa pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente é Professor e Pesquisador no

Programa de Mestrado em Educação Profissional do CEETEPS onde também atua como representante do PPG para avaliação de periódicos CAPES. Professor de Ensino Superior da Fatec-Centro Paula Sousa onde atuou como coordenador Institucional do programa Idiomas sem Fronteiras (IsF). Examinador oficial Cambridge Exams. Membro acadêmico do Athens Institute for Education and Research (ATINER) nas unidades de Educação e Línguas e linguística.

Profa. Dra. Denise Maria Martins

Doutora em Administração (USCS), Mestre em Administração (UNICID), bacharel em Estatística (UNICAPITAL), MBA em Artificial Intelligence & Machine Learning (FIAP) e Especialização em Engenharia da Qualidade (PUC/MG) e Docência do Ensino Superior (UNICID). Experiência de 23 anos no setor automobilístico com aplicação e implementação de Sistemas e Gestão da Qualidade e 15 anos na Educação Superior como professora titular da disciplina Gestão de Processos e Estatística na unidade Fatec Ipiranga. Atualmente vinculada a Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa do CEETEPS no programa Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional na linha de pesquisa Políticas, Gestão e Avaliação.

Formando o Formador:
**Cartas Experienciais em
Educação Profissional**

Denise Maria Martins (Org.)

Autores:

*Helena Gemignani Peterossi
Rosalia Maria Netto Prados
Rodrigo Avella Ramirez
Denise Maria Martins*

ISBN: 978-65-87877-54-9



**SÃO
PAULO**
GOVERNO
DO ESTADO